C. W. Leadbeater

O PLANO MENTAL

(O MUNDO CÉU)

Pensamento

SUMÁRIO

PREFÁCIO 2
PRELIMINARES 3
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PLANO MENTAL 6
NOVO MÉTODO DE EXPLORAÇÃO 8
HABITANTES DO PLANO MENTAL 16
CONDIÇÕES DA VIDA CELESTE 19
SÉTIMO SUBPLANO: O ÍNFIMO CÉU 21
SEXTO SUBPLANO: O SEGUNDO CÉU 26
QUINTO SUBPLANO: O TERCEIRO 29
QUARTO SUBPLANO: O QUARTO CÉU 31
A REALIDADE DA VIDA CELESTE 35
O MUNDO MENTAL SUPERIOR 39
TERCEIRO SUBPLANO: O QUINTO CÉU 41
SEGUNDO SUBPLANO: O SEXTO CÉU 43
PRIMEIRO SUBPLANO: O SÉTIMO CÉU 45
HABITANTES NÃO-HUMANOS 46
CONCLUSÃO 51
FIM 51

PREFÁCIO

Poucas palavras bastam, para a apresentação deste livro ao público. Destina-se a satisfazer as demandas de uma exposição simples dos ensinos teosóficos, pois alguns têm se queixado de que nossa literatura é demasiado abstrusa, técnica e custosa para o leitor comum, e esperamos que a presente obra logre satisfazer ao que é verdadeiramente uma positiva necessidade. A Teosofia não é tão só para os eruditos. E para todos. Acaso entre aqueles que nas páginas seguintes percebam os primeiros vislumbres dos ensinos teosóficos, haja uns tantos que desejem penetrar mais profundamente em sua filosofia e abordar os seus mais abstrusos problemas com o zelo do estudante e o ardor do neófito. Mas esta obra não foi escrita só para o estudante entusiasta, ao qual não atemorizam as dificuldades iniciais. Também está escrita para as pessoas ocupadas nos misteres cotidianos da vida, mas anelosas de compreender algumas das grandes verdades que tornam mais suportável a vida e menos temível a morte. Está escrita por servos dos Mestres, dos Irmãos Maiores da humanidade e não pode ter outro objetivo que o de servir o próximo.

Esta obra é a continuação da que publicamos anteriormente, O Plano Astral, que teve larga aceitação. Cabe-nos a esperança de que quem a leia com suficiente interesse, e sobretudo medite no que leu, adquira uma idéia geral dos mundos astral e mental, ou seja dos planos astral e devacânico, de sorte a capacitar-se para compreender em sua verdadeira posição e lugar os fenômenos relacionados com os descritos e que podem chegar ao seu conhecimento.

Conquanto só tenhamos bosquejado um tema muito vasto, bastará para demonstrar a suma importância que a percepção em ambos os planos há de ter no estudo da Biologia, Física, Química, Astronomia, Medicina e História, e o intenso impulso que a estas Ciências poderia dar a adição dessa percepção.

PRELIMINARES

Ainda que ao Devacan ou Plano Mental se chame também Mundo Celeste, não se há de considerá-lo tão-só como o mundo em que têm realidade as idéias mais espirituais que sobre o céu mantêm as religiões confessionais, pois também, se tem de considerá-lo como um mundo, plano, nível, esfera ou região de nosso universo; como um mundo esplêndido de exuberante vida, onde podemos residir tanto agora como depois da vida astral, no intervalo entre duas encarnações.

Unicamente nosso escasso desenvolvimento, a limitação a que nos sujeita a vestimenta de carne, impede-nos de darmos conta de que o esplendor, a glória do céu, estão aqui e agora no mundo ao nosso redor, e que as influências dimanantes do mundo celeste atuariam em nós se fôssemos capazes de compreendê-las e recebê-las.

Por impossível que isto pareça ao profano, é a mais sensível realidade para os ocultistas, e àqueles que ainda não compreenderam esta verdade fundamental, repetiremos o conselho de Gautama, o Buda: "Não vos queixeis nem choreis nem supliqueis, e sim, abri os olhos e vede, porque a luz vos envolve e só vos falta arrancar a venda dos olhos e olhar. E algo admirável, formoso, superior a tudo quanto o homem sonhou, a tudo pelo que ele chorou e suplicou, e é, além disso, sempiterno".

É absolutamente necessário que o estudante de Teosofia compreenda a verdade capital de que em nosso universo há sete planos, mundos, níveis, esferas ou regiões, cada um com sua matéria peculiar de apropriado grau de densidade que interpenetra a matéria do plano contiguamente inferior (1). Portanto, as palavras "superior", "alto" e "baixo", com referência aos planos ou mundos de nosso universo, não denotam sua posição, pois que todos ocupam o mesmo espaço, senão tão-só indicam o maior ou menor grau de condensação de matéria primordial e sua diversa tônica de vibração.

Em conseqüência, quando dizemos que um indivíduo passa de um plano para outro, esse passo não significa nem o menor movimento no espaço, senão simplesmente uma mudança de foco de consciência. Porque cada ser humano tem em si mesmo matéria de cada um dos sete planos e um veículo ou corpo correspondente a cada um deles, por cujo meio pode atuar quando sabe manejá-lo. Assim é que a passagem de um plano para outro eqüivale a mudar de um veículo para outro o foco da consciência, e no atual estado evolutivo da massa geral da humanidade esta mudança se contrai ao uso dos veículos astral e mental, em lugar do físico.

Cada um destes corpos responde unicamente às vibrações da matéria de seu próprio plano, de sorte que quando a consciência está focalizada no corpo astral, só percebe o mundo astral, assim como quando se focalizam nele os veículos astral e mental em vez do físico, ainda que ambos os mundos, como todos, estejam sempre ativos ao nosso redor. Todos estes planos constituem um potente e vívido conjunto, embora nossas ainda débeis faculdades só nos permitam perceber simultaneamente uma parte muito pequena.

Ao considerar o tema de localização e interpenetração, devemos precaver-nos contra possíveis erros. Quanto aos três planos inferiores de nosso Sistema Solar, convém advertir que cada planeta ou globo físico tem também seus peculiares mundos astral e mental, de modo que os três se interpenetram dentro do campo de força de cada planeta, mas não se interpenetram com os mundos físico, astral e mental dos demais planetas. Todavia, do plano búdico para cima todos os planos são comuns a todos os planetas do Sistema Solar. Porém, como cada plano se subdivide em sete subplanos, segundo o grau de sutileza de sua matéria, vemos que o subplano de matéria mais sutil estará constituído pelos átomos da matéria

própria do plano, e a esse subplano se dá o nome de plano atômico. Pois bem, os sete subplanos atômicos dos sete planos de nosso Sistema Solar constituem separadamente dos outros seis subplanos de cada plano, o plano inferior (ou "prakrítico") dos ~ sete planos cósmicos. Assim, por exemplo, o éter interplanetário que enche todo espaço cósmico, e nos transmite as vibrações luminosas de longínquas estrelas, está constituído pelos átomos ultérrimos da matéria física, porém as modalidades mais densas e complexas do éter formam ao redor de cada planeta uma aura que se estende muito além de sua atmosfera meteorológica. O mesmo acontece com os planos astral e mental. O plano astral de nosso planeta interpenetra o globo terrestre e sua atmosfera, mas estende-se além de sua atmosfera, e por isso os filósofos gregos denominaram ao plano astral o mundo sublunar. O plano mental interpenetra o astral e estende-se mais além.

Unicamente a matéria atômica livre dos planos físico, astral e mental é coextensiva com o éter interplanetário, e portanto, um indivíduo não pode passar de um a outro planeta em corpo astral ou em corpo mental, como não pode passar em corpo físico. Mas pode fazê-lo em corpo causal altamente desenvolvido, conquanto não com tanta rapidez como em corpo búdico.

A clara compreensão destes fatos impedirá a confusão em que têm incorrido alguns estudantes, entre o plano mental correspondente ao planeta terrestre e os outros globos de nossa Cadeia, existentes no plano mental. Os sete globos de nossa Cadeia Planetária são realmente globos que ocupam definidas e separadas posições no espaço, apesar de alguns deles não estarem no plano físico. Os globos A, B, F e G estão separados do nosso e um do outro, tanto como Marte está separado da Terra, com a única diferença que enquanto a Terra tem peculiares planos físico, astral e mental, os globos B e F estão no plano astral e os A e G no plano mental. O plano astral que estudamos antes deste livro e o plano mental que agora vamos estudar são os peculiares da Terra e nada têm a ver com os demais planetas acima referidos.

O plano mental onde se manifesta a vida celeste é um dos cinco planos com que a humanidade está atualmente relacionada, pois os dois restantes e mais o sexto e o sétimo estão ainda muitíssimo longe do alcance humano. O plano mental tem por baixo os planos astral e físico, e por cima, os planos búdico e nirvânico. No plano mental permanece o homem a maior parte do tempo durante o transcurso de sua evolução, a menos que esteja sumamente atrasado. Em termo médio, a vida celeste dura vinte vezes mais que a mais longeva vida física. A duração é muito menor nos indivíduos escassamente evoluídos, enquanto que, ao contrário, nos muito evoluídos a vida celeste é trinta vezes mais longa que a física.

O plano mental é a peculiar e permanente morada do Ego, cujas descidas à encarnação são curtos ainda que importantíssimos episódios de sua carreira. Portanto, não serão tempo nem esforço perdidos os empregados em adquirir o maior conhecimento possível da vida celeste enquanto estivermos aprisionados no corpo físico.

Infelizmente tropeçamos com dificuldades quase insuperáveis na intenção de expressar na linguagem usual o que se refere ao plano mental, pois mesmo no plano físico as palavras são insuficientes para expressar nossas idéias e sentimentos. Recordemos que na obra O Plano Astral falamos da impossibilidade de transmitir um adequado conceito das maravilhas desse plano aos que ainda não deixaram o plano físico. Portanto, só podemos dizer que cada observação concernente ao plano astral se aplica com intensidade duplicada às observações que temos de fazer em relação ao plano mental. Não somente a matéria que vamos descrever é muitíssimo mais sutil do que a astral, senão que a consciência mental é imensamente mais ampla do que se pode imaginar no mundo físico, e suas condições são tão

diferentes, que ao querer expressá-las em linguagem comum, o investigador se encontra completamente perdido e só pode esperar que a intuição dos leitores supra a inevitável deficiência da descrição.

Como exemplo de uma das muitas dificuldades, parece como se no plano mental não existisse espaço nem tempo, por que os acontecimentos que no plano físico se sucedem um após outro em lugares separados, ocorrem no mundo mental simultaneamente e no mesmo lugar. Tal é pelo menos o efeito produzido na consciência do Ego, embora existam circunstâncias favorecendo a suposição de que a absoluta simultaneidade é peculiar a um plano ainda mais sutil, e que no mundo celeste é tão rápida a sua sucessão que parece simultânea, de modo que parece descrever uma circunferência luminosa, senão que é uma ilusão ótica derivada de que a sensação visual no olho humano e dura um décimo de segundo.

De qualquer modo, o leitor compreenderá facilmente que ao descrever uma condição de existência tão por completo diferente da vida física, como é a que vamos considerar, não poderemos deixar de dizer muita coisa em parte ininteligível e em parte incrível para quem não tiver experimentado individualmente a vida superior. Isto é inevitável, e assim, os leitores que se sintam incapazes de aceitar as informações de nossas investigações, terão de esperar para receber mais fidedignas informações sobre o mundo celeste, para que possam observá-las e examiná-las por si mesmos.

Só me cabe repetir a segurança já dada ao tratar do plano astral, de que foram tomadas todas as precauções razoáveis para conseguir exatidão. Neste caso, como naquele, podemos dizer que neste tratado não foi admitido nenhum fato novo nem velho que não fosse corroborado pelo testemunho de ao menos dois Mestres, hábeis investigadores independentes, e que tenham admitido por verdadeiros os veteranos ocultistas cujo conhecimento nestes pontos é necessariamente muito maior do que o nosso. Por conseguinte, é de se esperar que se admita este relato como fidedigno, embora não se possa considerá-lo como completo.

1 - O mesmo se há de entender dos sete planos de nosso Sistema Solar, que tampouco estão interpostos.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PLANO MENTAL

Talvez a maneira menos embaraçosa de abordar este dificílimo tema seja a descrição daquilo que um discípulo vê pela primeira vez ao contemplar o mundo celeste. Intencionalmente me refiro a um discípulo, pois a menos que esteja em relação com um Mestre de Sabedoria, não é possível focalizar plena mente a consciência no mundo celeste e retornar à terra com clara recordação do que ali percebeu. Do plano mental não vêm complacentes "espíritos" para soltar vulgaridades pela boca , de médiuns profissionais. Nem até o plano mental se alçam os clarividentes comuns, conquanto os mais puros e sinceros, quando desligados de seus hipnotizadores, tenham caído emêxtase profundo e se transportado ao mundo mental, mas só trouxeram ao mundo físico a tênue recordação de uma intensa e indescritível felicidade, geralmente colorida por suas crenças religiosas pessoais. Ao terminar a vida astral, quando o Ego se retrai em si mesmo e transporta sua consciência ao plano mental, já não são suficientemente poderosos para pô-lo em comunicação com o mundo físico, nem angustiosos pensamentos de seus parentes, nem as seduções dos círculos espiritistas. É necessário que se consumam as forças espirituais que ele atualizou durante sua vida terrena e se ache em condições de assumir um novo corpo físico. Mas, ainda que lhe fosse possível retornar à Terra, seu relato não nos daria verdadeira idéia do plano mental, porque, como veremos adiante, unicamente percebem a glória e a formosura do mundo celeste os que ali entram com plena consciência e atuam livremente.

Formosa descrição. - É a que um eminente ocultista inseriu numa de suas primeiras cartas(1) com o objetivo de que se aprendesse de memória, e é a seguinte:

"Nosso Senhor Buda disse: Milhares de miríades de mundos além deste, há uma região de felicidade chamada Sukhâvati. Está circundada por sete fileiras de balaustradas, sete fileiras de amplas cortinas e sete fileiras de ondulantes árvores. Esta sagrada mansão dos Arhats é governada por Tathagatas e possuída pelos Bodhisatvas. Há nela sete formosas lagoas em meio das quais fluem águas cristalinas com sete qualidades sintetizadas em uma. Esta morada, ó Sariputra, é o Devacan. A Udumbara, sua divina flor, cria raízes na sombra de cada terra e floresce para todos que a alcançam. Verdadeiramente felizes são os nascidos nesta bem-aventurada região, que atravessaram a áurea ponte e chegaram às sete montanhas de ouro. Já não há neste ciclo nem tristeza nem dor para eles".

Ainda que veladas pelas primorosas imagens do Oriente, podemos descobrir na citada passagem algumas das principais características que mais assinaladamente aparecem nos relatos de nossos modernos investigadores. As "sete montanhas de ouro" são seguramente os sete subplanos do mundo mental separados por impalpáveis, porém efetivas barreiras simbolizadas nas sete
fileiras de balaústres, nas sete amplas cortinas e nas sete ondulantes árvores. As sete espécies de água cristalina com suas distintivas propriedades e qualidades representam as diferentes condições e faculdades da mente, sintetizadas na que assegura aos habitantes do mundo mental a mais intensa felicidade que sejam capazes de gozar. A flor enraizada na sombra de cada terra significa que cada mundo físico tem seu céu correspondente; e a felicidade que nenhuma língua pode expressar é o florescimento que brota para quantos vivem nas terras de modo que se capacitem para alcançá-lo, porque atravessaram a áurea ponte estendida sobre o rio que separa o mundo mental do mundo do desejo, e terminou para eles a luta entre a natureza superior e a inferior, de modo que no ciclo

da vida mental já não há tristeza nem dor, até que o Ego volte a encarnar e deixe atrás de si, durante algum tempo, o mundo celeste.

A felicidade do mundo celeste. - A intensiva felicidade é a primeira idéia capital em que devem basear-se nossos conceitos da vida celeste. Tratamos de um mundo em que, por sua própria constituição, são impossíveis o mal e a tristeza; em que todos são felizes, pois cada qual goza da maior felicidade espiritual de que é capaz de gozar. É um mundo cujo poder de resposta de aspirações só está limitado pela capacidade do aspirante.

Pela primeira vez começamos no mundo celeste a perceber algo da natureza da Fonte de Vida. Pela primeira vez temos uma visão distante do que deve ser o Logos e do que Ele significa para nós. E quando a estupenda realidade do mundo celeste se desponta ante nossa atônita visão, não podemos deixar de sentir que com este conhecimento da verdade, a vida já não pode daí em diante parecer-nos como nos parecia até então. Admiramo-nos de toda insuficiência dos conceitos de felicidade tidos pelo homem mundano, poisa maioria deles está completamente invertida e é irrealizável, e marcha de costas para a meta que intenta alcançar, enquanto que no mundo celeste a verdade e a beleza transcendem os sonhos dos poetas; e à luz de sua sobrepujante glória, todo outro gozo parece sombrio, lânguido e enganoso.

Este radiante sentimento . da consciência de todo mal e discórdia, e da insistente e preponderante presença do absoluto gozo, é a primeira e mais intensa impressão experimentada por quem entra no mundo celeste, e este sentimento persiste enquanto ele ali permanece, seja qual for sua atividade, e ainda que, ao ir conhecendo as condições do novo mundo em que se encontra, descubra maiores possibilidades de exaltação espiritual. Nunca se lhe desvanece o estranho e indescritível sentimento de inefável deleite que lhe infunde a existência de todos os seus habitantes.

Nada existe na terra comparável à felicidade celeste e ninguém é capaz de imaginá-la. Se se supusesse a vida infantil mil vezes mais espiritualizada do que a do homem, talvez tivéssemos nela uma débil idéia da felicidade no mundo mental; porém, ainda este símile está muito longe da inefável e estupenda vitalidade espiritual do mundo celeste.

Uma das manifestações desta intensa vitalidade é a extrema rapidez vibratória da matéria mental. Sabemos teoricamente que no mundo físico até a mais densa matéria sólida está em vibração; porém quando a visão astral nos mostra a positiva realidade desta hipótese científica, apercebemo-nos da universalidade da vida, o que antes não nos fora possível. Amplia-se o nosso horizonte mental e começamos a ter vislumbres de possibilidades da natureza, que ao homem comum lhe pareceriam fantásticos sonhos.

Se este é o efeito da aquisição da visão astral aplicada à matéria física, podemos supor o que experimentará o observador ao descobrir um novo mundo incomparavelmente superior ao astral em vividez vibratória, e cujas vibrações em relação ao físico são como as da luz em relação ao som.

No mundo mental a onipresente vida palpita em toda a parte, incessantemente, e com enorme elevação de tonalidade.

1- Nunca pude averiguar donde foi tirada a descrição; mas na obra de Beal: Cortena of Buddhic Scriptures, p. 378, aparece outra versão algo extensa.

NOVO MÉTODO DE EXPLORAÇÃO

O sentido por cujo meio o explorador é capaz de conhecer o mundo mental não é a menor das maravilhas devacânicas. Já não se vê nem ouve nem percebe por meio de separados e limitados órgãos sensórios, nem se contrai à sumamente ampliada capacidade visual e auditiva que possuía no mundo astral, senão que se encontra dotado de uma nova e estranha faculdade, que não é nenhuma das físicas e astrais, e no entanto, as sintetiza todas e vai ainda além o seu poder de percepção, pois o capacita para, quando se enfrenta com uma pessoa ou coisa, não somente a ver e perceber todas as suas vibrações, mas a conhecê-la externa e internamente com quantas causas, efeitos e possibilidades astrais e físicas concernem à pessoa ou coisa percebida.

Para o explorador do mundo celeste, pensar eqüivale a realizar sem dúvidas, demoras ou vacilações. Se pensa num lugar, imediatamente se encontra no mesmo lugar. Se pensa num parente ou amigo, instantaneamente o tem ante si, não são possíveis os erros e nem podem enganá-lo as falsas aparências, porque como em um livro aberto lê os pensamentos e emoções do seu parente ou amigo. E se tem a sorte de que entre seus amigos exista algum com este sentido superior já atualizado, seu trato será mais, completo e perfeito do que é possível na compreensão humana, pois para eles não existe a distância nem a separação, nem estão ocultos ou meio velados seus sentimentos pela exagerada expressão verbal. Não são necessárias as perguntas e as respostas porque se lêem as representações mentais à medida que se vão formando e o intercâmbio de pensamentos é tão rápido como o seu brotar da mente.

O explorador conhece tudo quanto não transcende do mundo mental. O passado do mundo terrestre é para ele tão claro como o presente, porque sempre tem à sua disposição os indeléveis arquivos da natureza, e a história surge ante sua vista ao mandato de sua vontade. Já não está à mercê dos historiadores, que arriscam a estar mal informados ou padecer de parcialidade, e pode estudar por si mesmo qualquer incidente ou episódio histórico que lhe interesse, com a certeza de que conhecerá a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

Se for capaz de permanecer nos três subplanos superiores do plano mental, ante ele se desenvolverá toda a história de suas vidas passadas e verá as causas cármicas que fizeram dele o que é, e também verá o que o carma lhe reserva para esgotá-lo antes de saldar a triste e longa conta. Assim conhecerá exatamente seu verdadeiro lugar na evolução.

Porém o explorador não é capaz de ver o futuro tão claramente como vê o passado, porque a faculdade e o dom de profecia pertencem a um plano superior; e ainda que no plano mental seja possível a previsão até um alcance considerável, não é perfeita, porque se o homem muito evoluído pusesse a mão na trama do destino, sua potente vontade poderia interpor novos fios e mudar o plano da vida próxima. As vezes pode-se prever o curso da vida de um indivíduo sem determinada vontade própria; porém quando o Ego resolve galhardamente reger o destino por suas próprias mãos, é impossível a exata previsão.

O ambiente. - Do exposto se infere que as primeiras impressões do discípulo. que com plena consciência se transporta ao plano mental, são provavelmente de intensa felicidade indescritível vitalidade, potência enormemente acrescentada e a perfeita confiança dimanante destas impressões. Quando o discípulo se vale do novo sentido para examinar o ambiente que o rodeia, que percebe? Encontra-se em meio de um mundo sempre cambiante de luz, cor e som, tal como jamais imaginou em seus mais delicadíssimos sonhos. Certamente é verdade no mundo terrestre que "olho

não viu nem ouvido ouviu nem coube no coração do homem" as glórias do mundo celeste (1). Quem só uma vez as tenha experimentado, olhará com olhos muito diferentes o mundo terrestre, porém esta experiência é tão completamente distinta de tudo quanto conhecemos no mundo físico, que ao tratar de expressá-la em palavras se vê surpreendido por um estranho sentimento de impotência, de absoluta incapacidade não só para expressá-lo justamente, senão também para dar disso a menor idéia aos que não viram o mundo celeste.

Suponhamos que um indivíduo com o sentimento de intensa felicidade e enormemente acrescido do poder já aludido, se imagine flutuando num mar de vívida luz, rodeado de inconcebível variedade de encantadoras formas e cores, cujo conjunto reaja a cada onda mental que ele emita, e que aquele indivíduo se dê conta de que cada onda é a expressão de seu pensamento na matéria e na essência elemental do plano deva cânico. A matéria deste plano é da mesma índole que a do corpo mental do indivíduo; e portanto, quando vibram as partículas do corpo mental a cuja vibração chamamos pensamento, imediatamente se propagam as vibrações pela matéria do plano mental na qual suscita vibrações sintônicas, enquanto que o pensamento se reflete com absoluta exatidão na essência ele mental. O pensamento concreto toma a forma do objeto cuja idéia envolve, ao passo que as idéias abstratas se plasmam em perfeitas e formosas formas geométricas. Sobre este particular convém advertir que muitos pensamentos que durante a vida física são para nós pouco mais que simplíssimas abstrações, tomam realidade no plano mental, mais que simplíssimas abstrações, tomam realidade no plano mental. Portanto, quem deseje neste plano dedicar-se por algum tempo à tranqüila meditação e abstrair-se de seu ambiente, pode efetivamente viver no seu próprio mundo sem possibilidade de interrupção, com a vantagem de que, como num panorama, passam ante sua vista todas as idéias seguidas de suas já realizadas conseqüências. Porém, se em vez deste ensimesmamento deseja explorar o plano em que se encontra, ser-lhe-á necessário suspender entretanto a atividade mental, a fim de que seus pensamentos não influam na facilmente impressionável matéria que o rodeia e alterem as condições em que se acha. Mas a suspensão das atividades mentais não deve ser confundida com a inibição completa a que propendem certas práticas da Hatha Yoga, cujo resultado é embotar a mente em absoluta passividade, já que sua ação se oporia à entrada de influências externas que são precisamente as que se desejam com semelhante método, para estabelecer uma condição muito parecida à mediunidade. Em troca, a suspensão das atividades mentais na exploração de mundo celeste não impede que a mente se mantenha positiva e vigilante, pois a suspensão interna do pensamento só tem por finalidade impedir a intrusão de apreciações puramente individuais na exploração que se vai efetuar. Quando o explorador do plano mental se coloca em tal atitude, percebe de que, conquanto já não seja o centro de radiação de toda aquela maravilhosa profusão de luzes, formas, cores e sons, não se desvaneceu, mas, ao contrário, intensificaram-se suas harmonias e esplendores. Ao cavilar sobre a explicação deste fenômeno, conjetura que não é uma fortuita ou vã exibição, uma espécie de aurora boreal devacânica, mas algo significativo e que ele pode compreender o seu significado, até perceber que aquilo que tão extática e deleitosamente contempla é a esplendente linguagem cromática dos Devas, a expressão do pensamento ou a conversação de seres muito mais adiantados do que ele na escala da evolução. A prática experimental lhe ensina que ele também pode usar o novo e formoso modo de expressão, e esta descoberta o torna dono de uma outra parte de sua herança no reino celeste, como a faculdade de comunicar-se mentalmente e receber ensinos dos Devas.

O que se disse até agora bastará para compreender por que era impossível descrever o cenário do plano mental como se descreveu o do astral, pois em rigor o plano mental não tem cenário fixo, porém cada um estabelece um cenário peculiar segundo a índole de seus pensamentos, embora se tenha de considerar que as numerosas entidades, que continuamente passam ante ele, são já de per si, em muitos casos, objetos de transcendentalíssima beleza.

No entanto, é tão difícil expressar verbalmente as condições desta vida superior, que a mais aproximada idéia da realidade seria dizer que no plano mental são possíveis todos os cenários, que nada concebível como formoso na terra, mar e firmamento, falta no mundo celeste plenamente intensificado além de tudo quanto se possa imaginar. Mas, de todo esplendor de vívidas realidades, cada indivíduo só vê aquela parte que internamente é capaz de ver, ou seja, tudo o que seu progresso durante a vida física e astral o capacitou para responder.

As grandes ondas. - Se o explorador deseja levar mais além a análise do plano mental e descobrir o que ocorreria quando o ambiente estivesse em completa calma, sem pensamentos nem conversações que o perturbassem, pode consegui-lo revestindo-se de uma régia envoltura que nenhuma de tais influências consiga atravessar, e mantendo a mente tranqüila como antes, examinará as condições existentes no interior da envoltura.

Se efetuar esta experiência com o suficiente cuidado, notará que o mar de luz, embora não se tenha aquietado, porque suas partículas continuam vibrando interna e rapidamente, aparece homogêneo, e cessaram os coruscantes esplendores e contínuas mudanças de forma. Mas perceberá outras séries de pulsações eternamente diferentes que o brilhantismo do fenômeno anterior havia eclipsado.

São pulsações evidentemente universais que nenhuma envoltura elaborada pelo poder humano será capaz de resistir ou repelir., Não determinam mudanças de cor nem assumem forma, senão que fluem com indefectível regularidade através de toda a matéria do plano, externa e internamente, como a aspiração e a inspiração de um formidável alento além de nosso alcance.

Se o visitante é puro de coração e de mente e chegou a certo grau de aperfeiçoamento espiritual, poderá identificar a consciência com fluxo desta admirável onda e submergir-se espiritualmente nela para que o conduza até a fonte original.

Digo que é possível, porém não prudente, a menos que seu Mestre esteja ao lado para afastá-lo no preciso momento do formidável encontro, a fim de evitá-lo, porque sua irresistível força o levaria a planos ainda mais altos cujos esplendores ainda mais intensos o seu Ego seria incapaz de suportar, pois perderia sua consciência, sem certeza de quando ou como recuperá-la.

Certamente que o objetivo final da evolução do homem é o atingimento da unidade, porém tem de alcançá-la em plena e perfeita consciência, como vitorioso rei que entra triunfalmente em seus domínios, e não absorto num estado de rara inconsciência lindeira com a aniquilação.

Os mundos celestes inferiores e superiores. - Tudo quanto fica dito pode aplicar-se à inferior subdivisão ou subplano do mundo celeste, que como o astral e o físico também compreende sete subdivisões. As quatro inferiores constituem o mundo celeste inferior, onde subsistem as formas e a maioria dos seres humanos reencarnantes passa sua longa vida de felicidade entre duas encarnações. As três subdivisões ou subplanos superiores constituem o mundo celeste superior, onde já não existem formas e é a verdadeira morada do Ego ou Alma humana.

Ao mundo celeste inferior se chama mundo rúpico ou com forma, porque nele cada pensamento assume uma forma definida, enquanto que ao mundo celeste

superior se chama arúpico e nele o pensamento se manifesta de maneira muito diferente, segundo veremos mais adiante (2). A distinção entre estas duas grandes subdivisões do mundo celeste, a rúpica e a arúpica, é tão assinalada, que para manifestar-se nelas o Ego necessita de dois diferentes veículos de consciência. O veículo apropriado para atuar no mundo celeste inferior, ou seja, nos céus primeiro, segundo, terceiro e quarto, é o corpo mental, enquanto que o veículo do Ego no mundo celeste superior é o corpo causal, que subsiste durante todo o ciclo de reencarnações.

No mundo celeste inferior ainda é possível algum grau de ilusão nos que não têm ainda muito desperta a consciência ao morrer o seu corpo físico. Os altos pensamentos e nobres aspirações que manifestou durante a vida terrena agrupam-se em torno do Ego e formam uma espécie de envoltura, algo semelhante a um mundo subjetivo peculiar ao Ego, onde passa a vida celeste percebendo mui debilmente, ou não percebendo, os esplendores do mundo circundante, e crente de que tudo quanto vê é a única coisa que ali se pode ver. No entanto, semelhante envoltura não é uma limitação, pois serve para que o Ego se acostume a responder a determinadas vibrações, e não para separá-lo dos demais, pois mediante os pensamentos que o rodeiam assimila os frutos do mundo celeste. O plano mental é um reflexo da Mente Divina, um inesgotável e infinito depósito donde o Ego pode extrair tudo quanto lhe permita o dinamismo dos pensamentos e aspirações engendrados durante a vida física e astral. Mas, no plano causal, o pensamento já não assume formas limitadas, embora ainda alguns Egos estejam ali meio conscientes do que os rodeia.

Ação do pensamento. - Para compreender a índole de cada uma das grandes subdivisões do mundo celeste, o plano mental e o plano causal, é necessário conhecer algo da ação do pensamento em ambas subdivisões, sem prejuízo de tratar mais extensamente deste ponto no capítulo correspondente.

Nos começos de nossas investigações, tornou-se evidente que no plano mental também havia, como no astral, uma essência elemental completamente distinta da matéria própria do plano, e que essa essência elemental era ainda mais instantaneamente sensível à ação do pensamento que a do plano astral, pois no mundo celeste tudo era substância mental. Portanto, não só a essência elemental, mas toda a matéria própria do plano está diretamente afetada pela ação do pensamento, de maneira que convém distinguir entre ambas as ações. Depois de algumas provas, nossos investigadores adotaram um método que deu idéia clara dos diferentes resultados produzidos. Um investigador permaneceu no mundo mental emitindo formas de pensamento, enquanto outros investigadores ascendiam ao plano causal para observar dali o que sucedia e evitar, toda possibilidade de confusão. Nestas circunstâncias começou-se a enviar um afetuoso e auxiliador pensamento a um amigo ausente em país distante. O resultado foi notável. Uma espécie de concha vibrátil formada da matéria do plano difundiu em todas as direções em torno do investigador, à maneira de círculos concêntricos que nas águas tranqüilas provoca a queda de uma pedra,, com a diferença de que a concha vibrátil era esférica. As vibrações desta concha iam perdendo intensidade à medida que se afastavam de sua fonte, até que se extinguiam ou pelo menos eram imperceptíveis ao chegar a muita distância.

Assim vemos que cada Ego é no mundo mental um foco emissor de radiações mentais que se propagam em todas as direções, sem se entrecruzarem umas com as outras. Nisto se parecem a raios luminosos no mundo físico. A difundida esfera de vibrações estava policromática e iridescentemente colorida, pois suas cores empalideciam à medida que se afastava até que por fim se desvaneciam. No entanto, o efeito era muito diferente na

matéria essencial do plano, na qual o pensamento produzia imediatamente uma forma semelhante à humana, de uma só cor, porém com muitos matizes da mesma. Esta forma observada se difundiu instantaneamente através do oceano, dirigindo-se para o amigo a quem se tinha enviado o afetuoso pensamento, e chegada ao seu destino, tomou essência elemental do plano astral para converter-se em um elemento artificial do plano astral, à espera de ocasião para derramar sobre o amigo a saudável influência de que estava carregada. Ao conectar-se com a matéria astral, perde a matéria mental grande parte de seu brilho, embora ainda se distinga sua refulgente cor rosa-pálido no interior da envoltura da matéria astral, demonstrando que assim como o pensamento original animou a essência elemental de seu próprio plano, assim também o mesmo pensamento acrescido de sua forma como elemental mental, atuava como alma do elemental astral, seguindo nisto o método empregado pelo espírito humano que se vai revestindo de corpo sobre corpo em sua descida através dos diversos planos e subplanos de matéria.

Ulteriores experiências demonstraram que a cor do elemental projetado variava segundo a índole do pensamento. Já dissemos que o pensamento de intenso afeto projetado em auxílio do amigo ausente assumia uma refulgente cor de rosa. Outro pensamento de intenso desejo de saúde dirigido a um amigo enfermo produziu um simpático elemental cor de prata, e um ardoroso esforço mental para fortalecer e afirmar o ânimo de uma pessoa abatida e desesperada, pôs em evidência um elemental de brilhante cor dourada.

Em todos estes casos, além das brilhantes cores e vibrações determinadas pelo pensamento na matéria do plano, projetou-se para a pessoa visada uma força definida em forma de um elemental. Mas houve uma notável exceção. Um dos investigadores, enquanto estava na subdivisão inferior do plano, enviou um pensamento de intenso amor e devoção ao seu Mestre, e os que estavam observando do plano causal notaram que o resultado era inverso ao produzido nos casos anteriores.

Convém recordar que um discípulo está sempre relacionado com o seu Mestre por uma constante corrente de pensamento e influência, que no plano mental se manifesta como um intenso raio de cintilante luz das três cores: violeta, ouro e azul; de maneira que bem se podia esperar que o ardoroso e amante pensamento do discípulo vibrasse na direção do raio. Mas em vez disso, o resultado foi a intensificação das cores do raio e um fluxo muito distinto de influência dirigida ao discípulo. Portanto, é evidente que quando um discípulo pensa em seu Mestre, o que em realidade faz é intensificar sua conexão com ele e abrir assim um caminho para receber o auxílio de um fluxo adicional de força dimanante dos planos superiores. Parece como se o Mestre estivesse tão fortemente carregado de fortalecedora influência, que qualquer pensamento que acrescente a atividade de um canal com o comunicante não estabelece uma corrente até ele, como em outros casos sucede, sendo que estabelece uma saída pela qual flui o grande oceano de seu amor.

Nos subplanos arúpicos, ou seja, no plano causal, é muito assinalada a diferença dos efeitos do pensamento, sobretudo em relação à essência elemental. A alteração na matéria peculiar do plano causal é análoga à causada na do mental, ainda que muito mais intensa por causa da sutileza maior da matéria; mas não se cria forma alguma na essência mental do plano arúpico e é muito diferente o modo de ação.

Nas experiências realizadas nos planos inferiores ao causal, observou-se que o elemental pairava sobre a pessoa a quem se dirigia o pensamento, à espera de oportunidade favorável para derramar a sua energia sobre o corpo mental, astral ou físico da pessoa. Mas no plano causal o resultado da ação do pensamento é uma relampagueante rajada que da essência do

corpo causal do pensador se dirige ao corpo causal do Ego, objeto de seu pensamento. De sorte que assim como no plano mental o pensamento vai sempre dirigido à personalidade, no plano causal o pensamento influi diretamente na individualidade, no verdadeiro homem, e se o pensamento tem alguma relação com a personalidade, chegará a ela do corpo causal do indivíduo a quem se dirigiu o pensamento.

Formas de pensamento. - Sem dúvida que nem todos os pensamento percebidos formalmente no plano mental ou rúpico estão dirigidos a determinada pessoa, mas que muitos flutuam vagamente no ambiente do plano com infinidade de formas e cores, de modo que sua observação e estudo é em si uma ciência fascinadora. Maior espaço do que dispomos seria necessário para descrever sequer as principais classes de tais pensamentos; porém nos dará uma idéia dos princípios fundamentais de sua formação o seguinte extrato de um artigo publicado pela Dra. Besant no Lúcifer de setembro de 1896, revista antecessora de The Theosophical Review:

"As formas de pensamento lançadas pela ação da mente baseiam-se nos três princípios seguintes:

1 - A qualidade do pensamento determina a cor.

2 - A natureza do pensamento determina a forma.

3 - A precisão do pensamento determina a nitidez de seu contorno.

"Se os corpos astral e mental vibrarem sob o impulso de um sentimento de devoção, a aura do indivíduo ficará tingida de um azul mais ou menos vivo, puro e formoso, segundo o grau de intensidade, pureza e elevação do sentimento devocional. Numa igreja pode ver-se esta classe de formas de pensamento que, à semelhança de nuvens azuis, flutuam no ambiente sem contornos definidos. Freqüentemente a cor azul fica esmaecida pelo tom escuro de pensamentos egoístas; porém o pensamento devocional sem sombra de egoísmo é de uma formosa cor azul, semelhante à do firmamento em dia estival. Do seio dessas nuvens azuis brotam, às vezes, como chuva de chispas, umas brilhantes estrelas cor de ouro.

"A cólera e a ira dão cor vermelha, desde o matiz de ladrilho até o escarlate brilhante; e se a cólera é brutal, manifestar-se-á em rajadas de um vermelho azul-violáceo, surgidas de nuvens negras, enquanto que a ira chamada de "nobre indignação" dá uma viva cor escarlate de aspecto repulsivo.

"O amor, a amizade e a benevolência manifestam-se em nuvens de um matiz rosado que varia desde o carmim embaçado quando o amor é de índole animal, passando pelo rosa vivo com mescla de moreno quando é egoísta, até o belo tom do suavíssimo rosa semelhante às primeiras cintilações da aurora quando o amor está limpo de todo sentimento egoísta e se difunde em círculos cada vez mais amplos de uma generosa e impessoal ternura e compaixão para todos os que dela necessitam.

"A intelectualidade determina formas mentais de cor amarela, de matiz muito delicado quando a razão é pura, e se encaminha para fins espirituais; porém, se os pensamentos estão misturados com emoções de ambição ou egoísmo, sua cor será alaranjada clara e viva.

"Um pensamento pode produzir a forma de quem o projeta, como, por exemplo, quando uma pessoa deseja ardentemente visitar um parente ou um amigo ausente, e a forma deste pensamento pode ser, no caso de poderosa intensidade, a corporal de quem o projeta, de maneira que, um clarividente que se achasse junto ao parente ou amigo, acreditaria que o visitante estivesse ali em corpo astral. Uma forma de pensamento desta índole poderia comunicar uma mensagem, se esse fosse o seu propósito, suscitando no corpo astral do receptor vibrações sintonizadas com as suas, e do corpo astral passariam ao cérebro físico onde se plasmariam em palavras."

Convém advertir que algumas das vibrações mencionadas na passagem transcrita em combinação com formas de pensamento astrais e mentais, necessitam de matéria astral e mental para manifestar-se, e também pode acontecer que uma forma de pensamento astromental tome figura humana e se confunda com uma aparição.

Os subplanos. - Se perguntarmos qual é a diferença exata entre a matéria dos vários subplanos do plano mental, a resposta teria de ser muito vaga, pois já esgotamos todos os adjetivos disponíveis para descrever os quatro subplanos inferiores que constituem o plano concretamente mental, sem que seja possível a descrição verbal dos três subplanos superiores que constituem o plano causal ou da mente abstrata.

O que poderíamos dizer senão que no plano causal a matéria é mais sutil, as harmonias mais sonoras e a luz mais intensa e diáfana? Há mais tonalidades no som, mais delicados entrematizes nas cores e novos tons aparecem completamente desconhecidos da vista física e etérea; porém, verdadeiramente se tem dito que a luz do plano mental é obscuridade no plano causal.

Talvez se compreenda melhor a idéia se começamos de cima para baixo em lugar de baixo para cima, e vemos que a matéria do subplano causal superior está animada e vivificada por uma energia fluente do plano superior imediato. Se descemos ao segundo subplano causal, vemos que a matéria do primeiro é a energia do segundo, isto é, que a energia original mais a matéria do primeiro subplano constituem a energia animadora da matéria do segundo subplano. Analogamente no terceiro subplano causal, ou seja, o inferior, temos a energia original duplamente velada pela matéria do primeiro e segundo subplanos, de sorte que considerando em conjunto o plano mental em seus sete subplanos, ao chegar ao sétimo ou ínfimo, contando de cima para baixo, vemos que a energia está velada sete vezes, e portanto, sua atividade não é tão potente como nos subplanos anteriores. Este processo é exatamente análogo ao envolvimento de Atman ou primordial espírito a descer como essência monádica para animar os planos cósmicos.

Memórias do passado. - Ao tratar das características gerais do mundo mental, não devemos omitir a das recordações do passado ou memória da natureza, única história fidedigna do mundo terrestre, no qual só temos um reflexo de algo superior, embora claro, preciso e contínuo, ao contrário da inconexa e espasmódica manifestação nas recordações do mundo astral. Portanto, o clarividente só pode confiar em seus pensamentos do passado se possui visão mental, e mesmo assim há de saber transportar-se em plena consciência do plano mental ao físico para que não haja erro de transmissão na recordação do que percebeu. O estudante que conseguiu atualizar suas potências até o ponto de usar o sentido correspondente ao plano mental, enquanto está ainda no corpo físico, tem ante si um campo de investigação histórica arrebatadoramente interessante. Não só pode rever toda a história que conhecemos e corrigir os muitos erros e falsos conceitos deslizados nos relatos que nos foram transmitidos até nossos dias, mas é capaz de enlaçar toda a história desde o princípio do mundo e observar a lenta evolução da mente humana, a vinda dos Senhores da Chama e o desenvolvimento das potentes civilizações que fundaram.

Seu estudo não se limitará ao progresso da humanidade, pois tem ante si como num museu todas as formas vegetais e animais que povoaram a juventude do planeta, e pode presenciar as admiráveis mudanças geológicas que têm ocorrido, e seguir o curso dos formidáveis cataclismos que repetidamente alteraram a face da terra.

Muitas e variadas possibilidades, oferece o acesso ao arquivo, de maneira que tão-só por esta vantagem seria o mundo mental mais interessante que o astral e o físico. Porém, quando a isto acrescentamos o maior número de

oportunidades, que para a aquisição de conhecimento nos oferece a nova e mais ampla faculdade de comunicação direta e expedita, não só com o reino dévico, mas também com os Mestres da Sabedoria: quando consideramos o descanso e o consolo que das penalidades da vida física proporciona a intensa e imutável felicidade da vida celeste, e sobretudo a enormemente acrescentada capacidade de servir o próximo, então percebemos algo do que um discípulo ganha ao adquirir o direito de entrar à vontade e com plena consciência no fúlgido reino do mundo celeste.

1 - Compare-se com Isaías, 64:4, e 1 Coríntios, 2:9. (N. da T.)

2 - Compare-se com 11 Coríntios 12:2, 3 do apóstolo Paulo. Se existe terceiro céu, seguramente há também o primeiro e o segundo, sem mencionar os outros quatro. (N. da T.)

HABITANTES DO PLANO MENTAL

Ao descrevermos os habitantes do mundo mental, convém dividi-los em três ordens análogas à divisão dos habitantes do mundo astral, ou seja: humanos, não-humanos e artificiais, embora as subdivisões não sejam tão numerosas como as dos respectivos habitantes astrais, porque as más paixões humanas, que existem em tão grande quantidade no plano astral, não têm cabido no plano mental.

Habitantes humanos. Subdividem-se em duas classes: os que ainda têm corpo físico e os que dele já se desprenderam, isto é, os vivos e os mortos como vulgar e erroneamente são chamados. Uma pequena experiência do plano mental basta para alterar fundamentalmente o conceito que o estudante possa ter das mudanças que se seguem à morte física. Ao abrir sua consciência no plano astral e mais ainda no mundo mental, compreende desde logo que a plenitude da verdadeira vida não se pode conhecer no mundo físico, e quando saímos deste mundo e depois de passar pelo astral passamos ao celeste, entramos na verdadeira vida. A linguagem humana não tem palavras apropriadas para expressar esta condição, e talvez os adjetivos "encarnado" e "desencarnado" sejam os menos expostos à má compreensão.

Os encarnados. Os habitantes do mundo mental que ainda estão em corpo físico são invariavelmente os Adeptos e seus discípulos já iniciados, pois enquanto um Mestre não ensina a seu discípulo a maneira de usar o seu corpo mental, ele não poderá atuar conscientemente nem mesmo nos subplanos inferiores do mental. Para funcionar conscientemente durante a vida física nos subplanos superiores, é necessário um adiantamento muito maior, porque requer a unificação do homem, de sorte que no mundo físico já não é uma personalidade influenciada pela individualidade, e sim, embora em corpo de carne e ossos, é a mesma individualidade que, embora limitada pelo corpo físico, contém em si o poder e o conhecimento de um Ego evoluído.

Magnífico espetáculo oferecem os Adeptos e seus discípulos iniciados aos que já tiveram o poder de vê-los. Esplêndidos globos de luz e cor flutuam por toda a parte, dissipando as influências malignas e atuando sobre quantos deles se aproximam, como o sol atua nas flores, e derramando em torno deles um sentimento de sossego e felicidade, que também costumam experimentar os que os vêem. No mundo celeste, Mestres e discípulos levam a cabo a maior parte de sua obra, sobretudo nos subplanos superiores onde as individualidades podem comunicar-se diretamente. Do plano causal derramam sobre o mundo do pensamento sua intensa influência espiritual e provocam magnos e beneficentes movimentos de toda espécie.

No mundo celeste se distribui muita da energia espiritual recebida do glorioso sacrifício voluntário dos Nirmanakâyas. Também ali se dão ensinamentos diretos aos discípulos suficientemente adiantados para recebê-los dessa forma, pois podem comunicar-se mais rápida e completamente do que no plano astral. Além de todas estas atividades, Mestres e discípulos realizam um trabalho estreito com os que chamamos mortos, conforme veremos mais adiante.

No mundo mental não se encontram aquelas entidades intrometidas que causam tanto prejuízo no mundo astral. Num mundo cujas características são o altruísmo e a espiritualidade não podem penetrar o mago negro e seus discípulos, pois o egoísmo é a essência de todos os procedimentos da magia negra, que o estudo das forças ocultas aplica inteiramente a fins pessoais. Embora a maioria dos magos negros seja muito inteligente e a matéria de seu corpo mental seja por conseguinte sumamente ativa e sensitiva em relação a certas percepções, sempre estão relacionados com

algum desejo pessoal e por isso só podem achar expressão no mental inferior inextricavelmente mesclado com a matéria astral, donde se segue desta limitação que a atividade do mago negro e seus discípulos se restringe aos planos astral e físico.

Um indivíduo de viciosa e egoísta conduta pode ter períodos de puro e abstrato pensamento durante os quais se valha de seu corpo mental, se aprendeu a utilizá-lo. Mas quando a personalidade interfere com o esforço para produzir algum resultado maligno, o pensamento já não é abstrato, e o indivíduo atua em conexão com a acostumada matéria astral. Pode-se afirmar que o mago negro só atua no plano mental quando esquece sua condição de mago negro; e então só será visível para os que atuam conscientemente no plano mental e nunca para os que gozam do repouso celeste depois de sua vida astral, pois cada um deles está inteiramente recluso no mundo de sua própria mentalidade que nada do exterior o afeta, e acha-se completamente seguro. Assim se justifica a antiga descrição do céu, considerado como o lugar "onde os malvados deixam de importunar e os fatigados descansam".

Em sono ou em êxtase. Ao pensar nas entidades encarnadas que atuam no mundo mental, pergunta-se se o homem comum durante o sono ou o indivíduo psiquicamente muito desenvolvido, durante o êxtase ou transporte, podem penetrar no mundo mental. Em ambos os casos a entrada é possível, porem sumamente rara, porque é absoluto requisito prévio a pureza de conduta e de propósito; e ainda que o extático ou transportado chegasse ao plano mental, não aluaria com plena consciência, mas tão-só com capacidade para receber determinadas impressões.

Como exemplo da possibilidade de entrar no plano mental durante o sono, mencionaremos um incidente ocorrido em relação com experiências que a Loja de Londres da Sociedade Teosófica realizou sobre o estado de consciência durante o sono. Algumas destas experiências estão descritas no livro Sonhos. Os que leram este livro recordarão que ante a mente de várias classes de indivíduos adormecidos se expôs a representação mental de uma bela paisagem dos trópicos, a fim de comprovar até que ponto recordariam a visão quando despertos. Um caso não referido nesse livro, por não ter relação com os sonhos, nos servirá de exemplo.

Era uma mulher de mente pura e considerável, embora de inculta capacidade psíquica, a quem surpreendeu a visão do quadro mental da paisagem dos trópicos. Foi tão vivo o sentimento de reverente gozo, tão altos e espirituais os pensamentos suscitados pela contemplação do esplendente espetáculo, que a consciência da mulher adormecida se transportou ao plano mental. No entanto, não podemos acreditar que ela fosse consciente das condições do referido plano, senão que se achava no mesmo estado em que se encontra um homem comum depois da vida astral, ao chegar ao oceano de luz e cor em que ele flutua, inteiramente absorto em seus próprios pensamentos. Isto é, que a mulher adormecida permanecia em extática contemplação da paisagem e de tudo quanto a paisagem lhe sugeria, com aguda intuição, a perfeita apreciação e o intenso vigor do pensamento peculiar do plano mental, em contínuo gozo de uma inefável felicidade. Várias horas esteve a mulher adormecida nesta condição, embora parecesse ter perdido a noção do tempo, até que por fim despertou com um sentimento de profunda paz e gozo interior, embora não se recordasse de nada do que sonhou. Não há dúvida de que semelhante experiência, quer se recorde ou não no corpo físico, servirá de um impulso estimulante na evolução espiritual do Ego.

Embora por falta de um número suficiente de provas experimentais fosse temerário falar demasiado positivamente, parece certo que o resultado como o descrito só seria possível no caso de que a pessoa dormindo tivesse já um alto grau de desenvolvimento psíquico, e a mesma condição

se requer para que um indivíduo hipnotizado em transporte mediúnico alcance o plano mental. Tanto é assim, que nem um em cada mil dos clarividentes comuns o alcançam, e mesmo o que o alcança tem de estar não só muito adiantado psiquicamente, mas tem de ter perfeita pureza de conduta e propósito. Além destas extraordinárias características, resta ainda a dificuldade que sempre se opõe ao psíquico inexperiente para transportar exatamente uma visão de um plano superior ao inferior. Todas estas considerações corroboram o que foi dito anteriormente sobre a necessidade de que um prestigioso instrutor eduque as qualidades psíquicas do indivíduo antes de se poder dar crédito aos seus relatos.

Os desencarnados. Antes de se considerar em pormenor as condições em que as entidades desencarnadas se encontram nos diversos subplanos do plano mental, convém ter uma idéia muito clara da distinção entre os quatro subplanos rúpicos e os três arúpicos. Nos quatro subplanos rúpicos o homem vive inteiramente no mundo de seus próprios pensamentos, ainda identificado com a personalidade que assumiu na vida passada na terra, enquanto que nos três subplanos arúpicos o Ego reencarnante já tem consciência do que o rodeia e das condições do plano, e conhece suas vidas passadas e o que lhe está destinado fazer na encarnação imediata.

Convém recordar que depois da vida astral que se segue à perda do corpo físico, o homem passa sucessivamente pelos dois estados de consciência correspondentes aos quatro subplanos rúpicos ou do mundo mental inferior, e aos três subplanos do mundo mental superior. No entanto, a maioria está tão pouco evoluída e sua consciência é tão tênue em ambos os mundos, que bem se pode dizer que vivem sonolentas neles, embora consciente ou inconsciente, dormindo ou acordado, todo ser humano tem que chegar ao plano causal antes de se reencarnar no plano físico, e segundo progride em sua evolução, é mais real para ele o seu conta to com o plano causal. Não só é ele ali mais consciente à medida que progride, senão que sua permanência nesse mundo é cada vez mais longa, porque sua consciência se vai elevando lenta mas firmemente pelos diversos planos do sistema.

Por exemplo: o homem que começa a evoluir só é consciente no plano físico durante a vida terrena e nos subplanos inferiores do plano astral depois da morte do corpo físico. Quando o indivíduo está algo mais adiantado, já passa um curto período da vida celeste nos subplanos inferiores do mundo mental, embora ainda passe no mundo astral a maior parte do intervalo entre duas encarnações. Conforme progrida, a vida astral vai-se tornando cada vez mais curta e a celeste mais longa, até que, quando alcança um alto grau de inteligência e espiritualidade, passa rapidamente pelo mundo astral e permanece longo tempo no mundo celeste, isto é, no subplano superior dos quatro rúpicos ou com forma. Ali, então, sua consciência se eleva consideravelmente até passar para o mundo causal, onde, no corpo causal, permanece a maior parte do tempo entre duas encarnações.

O processo se repete daí em diante, no sentido de que cada vez é mais curta a vida astral e mais longa e plena a vida celeste, até que chega a hora da unificação e o homem já não se reclui nem se ensimesma em seus próprios pensamentos, senão que, ao perceber a grandiosidade do mundo celeste, conscientiza-se das possibilidades de sua vida e pela primeira vez começa a viver de fato. Mas por então deve ter entrado na Senda e assumido seu destino em suas próprias mãos.

CONDIÇÕES DA VIDA CELESTE

A realidade da vida celeste comparada com a terrena manifesta-se claramente ao considerar as condições requeridas por este alto estado de existência. As qualidades que o homem tem de atualizar durante a vida física para ter direito à celeste, são as que as figuras mais nobres e bondosas da humanidade têm assinalado sempre como real e permanentemente desejáveis. Para que uma aspiração ou um pensamento tenham existência no mundo celeste é indispensável que seu propósito seja totalmente inegoísta.

O amor à família, a amizade leal c a devoção religiosa são qualidades que levam um homem à vida celeste, embora se tenha de distinguir entre as duas variedades egoísta e inegoísta destas qualidades, pois as de índole egoísta não abrem as portas do mundo celeste.

O verdadeiro amor se derrama sobre o objeto amado sem esperança nem demanda de recompensa, nem o que ama pensa em si mesmo, e sim em tudo que pode fazer em bem do amado. Este sentimento amoroso gera uma força espiritual que só pode atuar no mundo celeste.

Mas existe outro amor em que o amante exige correspondência e deseja ser amado, que apaixonadamente pensa sempre no que pode dar, e tende a degenerar em ciúmes à menor provocação ou mesmo sem ela. As formas atualizadas por esta paixão amorosa nunca vão além do mundo astral.

O mesmo se pode dizer da falsa devoção religiosa de grande número de pessoas cujo único pensamento é a salvação de suas almas, sem lhes importar grande coisa a glória de sua divindade, o que denota não terem ainda o menor conceito de alma.

O verdadeiro devoto só pensa em venerar o objeto de sua devoção e mostrar-lhe sua gratidão com ardente desejo de fazer alguma boa obra em seu nome. Esta devoção conduz a uma dilatada e longa vida celeste, seja qual for o seu objeto; é assim que alcançam a vida superior os fiéis e inegoístas devotos de Buda, Krishna, Alá ou Cristo.

A duração e intensidade desta vida superior no mundo celeste dependerão da intensidade e pureza do sentimento devocional e não do objeto da devoção, embora esta última circunstância afete indubitavelmente a possibilidade de receber mais amplos ensinamentos durante a vida celeste.

Entretanto, na maioria dos casos, o amor humano, como a devoção humana, não são inteiramente puros nem completamente egoístas. O amor humano sempre pede correspondência, porém pode ter rasgos de abnegação, e uma nobre e pura devoção pode estar acompanhada de um débil sentimento egoísta ou de ciúmes. Em ambos os casos a lei de eterna justiça discerne infalivelmente, pois assim como o momentâneo rasgo de abnegação no homem pouco evoluído lhe proporcionará algo de vida celeste, assim a sombra de egoísmo que empane um puro sentimento terá sua força no mundo astral, mas não impedirá de todo a vida celeste.

A primeira entrada. Vejamos como o homem chega pela primeira vez à vida celeste. Do exposto se infere que os Egos em suas primeiras etapas de evolução não chegam ao mundo mental, e grande número dos um tanto mais adiantados só roça, por assim dizer, o subplano inferior do plano mental.

Todo indivíduo tem de retrair-se em seu verdadeiro ser no plano mental antes de se reencarnar; mas disso não se segue que nesta condição haja de ser consciente, e do mesmo modo temos dito que os Egos atrasados ou que começam a sua evolução não chegam ao plano mental.

Trataremos mais detidamente deste ponto ao estudar os subplanos arúpicos ou sem forma, pois parece melhor começar pelo subplano inferior rúpico ou com forma e proceder lentamente para cima, de sorte que podemos prescindir de momento da parte da humanidade cuja existência consciente

depois da morte física se contrai ao mundo astral, e considerar o caso de uma entidade que pela primeira vez eleva sua consciência ao subplano inferior do mundo celeste.

Evidentemente há vários métodos de chegar a esta importante etapa do prematuro desenvolvimento do Ego; mas bastará para o nosso propósito citar o exemplo de uma entidade observada por nossos investigadores ao estudar esta questão. Era uma pobre costureira que vivia num tugúrio dos baixos bairros de Londres, onde escasseavam luz e ar.

Não estava a costureira muito altamente educada, porque sua vida havia transcorrido em penoso labor sob adversas condições; mas era amável, bondosa e derramava carinhosa simpatia em quantos com ela tratavam. Sua habitação era a mais pobre das que davam para aquele pátio de vizinhança, ainda que estava mais limpa e asseada que as outras. Não tinha dinheiro com que socorrer seus vizinhos em circunstâncias prementes, mas, em troca, distraía uns tantos minutos de seu labor para prestar cordialmente os serviços que lhe eram possíveis.

Com efeito, ela era uma providência para as rudes e ignorantes operárias da vizinhança, que a olhavam como um anjo de auxílio e misericórdia, sempre presente em casos de tribulação e de enfermidade. Amiúde, depois de trabalhar todo o dia sem ao menos um momento de descanso, levantava-se à meia-noite para alternar no cuidado de algum dos muitos enfermos que se achavam no insalubre e mórbido ambiente dos baixos bairros de Londres. E em muitos casos, a gratidão e o afeto que nos enfermos suscitava a incansável bondade da costureira eram os únicos sentimentos nobres de suas grosseiras e arrastadas vidas.

Tais como eram as condições de vida naquele pátio de vizinhança, não é estranho que morressem alguns enfermos, e então se notava que a costureira havia feito por eles mais do que sabia, pois não só lhes prestou auxílio em suas necessidades temporais, senão que impulsionou notavelmente a sua evolução espiritual, pois eram Egos muito pouco desenvolvidos, entidades de classe retardada, que ainda não haviam atualizado em nenhuma de suas encarnações a energia espiritual, única capaz de lhes dar existência consciente no plano mental. Mas pela primeira vez tinham diante de si um ideal ao qual podiam aspirar, e a influência da abnegada costureira lhes havia despertado um sentimento de amor inegoísta que aumentou sua individualidade e os capacitou para depois da vida astral adquirir sua primeira experiência no subplano inferior do mundo celeste.

Por certo foi essa uma experiência muito curta e de natureza não muito adiantada, mas de importância muitíssimo maior do que parece à primeira vista, porque, enquanto se atualiza a energia espiritual do inegoísmo, os resultados de sua atuação no mundo celeste a estimulam à repetição, e conquanto não seja muito caudaloso este primeiro influxo, estabelece no Ego o embrião de uma qualidade que seguramente se manifestará na próxima vida. Assim, a gentil benevolência de uma pobre costureira determinou que Egos menos adiantados alcançassem uma vida conscientemente espiritual que se irá enaltecendo encarnação após encarnação e reagirá cada vez mais nas futuras vidas terrenas.

Este incidente explica a circunstância de que iodas as religiões dêem tanta importância à virtude da caridade como direta relação entre benfeitor e beneficiado.

SÉTIMO SUBPLANO: O ÍNFIMO CÉU

A ínfima subdivisão do mundo celeste a cujo nível a humilde costureira elevou os Egos postos a seu cuidado, tem por características principais os afetos de parentesco e amizade, inegoístas, embora algo limitados. Mas devemos precaver-nos contra uma má inteligência neste ponto. Ao dizer que os afetos de família elevam o homem até o sétimo subplano celeste e que a devoção religiosa o eleva até o sexto, pode parecer que se alguém possuísse ambas as qualidades intensamente vigorizadas haveria de dividir a sua vida celeste entre os subplanos inferiores, passando primeiro no sétimo subplano um período de felicidade familiar e ascendendo depois ao sexto para ali consumir a energia espiritual engendrada pela devoção religiosa.

Contudo, não é isto o que sucede, porque em tal caso o indivíduo se despertaria conscientemente no sexto subplano, onde se encontraria relacionado com aqueles que foram na terra objeto de tão amorosa devoção quanto foi capaz de sentir. Assim deve ser se razoavelmente o consideramos, porque o capaz de devoção religiosa e ao mesmo tempo afeto de família, tem esta virtude mais vigorosa do que quem só tem seu ânimo orientado numa só direção. A mesma regra rege em todo o processo ascensional. Um subplano inclui sempre, além de suas características peculiares, as dos subplanos inferiores, de sorte que estas características sobem de ponto nos habitantes de um subplano em relação às mesmas características nos habitantes dos subplanos inferiores.

Ao dizer que o afeto de família é a característica do sétimo subplano, não se há de supor que o amor fique restrito a este subplano, senão, antes, significa que o indivíduo que alcança esse plano depois da vida astral, tem por tônica fundamental de seu caráter o amor à família e o único que o capacita a entrar na vida celeste. Mas nos subplanos superiores predomina um amor muito mais nobre e puro do que tem por assento o sétimo subplano.

Uma das primeiras entidades que os investigadores observaram no sétimo subplano do plano mental, ofereceu um assinalado exemplo do tipo de seus habitantes. Era um homem que em sua vida terrena fora comerciante de comestíveis, pessoa de poucos alcances intelectuais e de muito débeis sentimentos religiosos, porém de impecável honradez comercial. Desde logo que havia assistido à missa todos os domingos porque era costume; mas a religião tinha sido para ele uma espécie de enigma incompreensível, sem relação com os misteres da vida diária, para a resolução de cujos problemas nunca se tomava em conta. Portanto, carecia de sentimento devocional que o houvesse elevado ao sexto subplano, e em troca sentia profundo e terno afeto pela esposa e filhos, de tipo consideravelmente inegoísta. Freqüentemente estas pessoas ocupavam seu pensamento, e por eles, mais do que por si próprio, trabalhava da manhã à noite em sua venda. Ao terminar a vida astral, abandonando o corpo de desejos, encontrou-se no subplano inferior do mundo mental, rodeado de sua esposa e filhos.

Não era então nosso homem nem mais inteligente nem mais espiritual do que quando vivia no plano físico, porque a mudança de um mundo para outro não implica progressos repentinos. O ambiente no qual se achava com sua família não era muito refinado, pois só representava seu ideal de abstenção de gozos materiais durante a vida terrena; porém, o vendeiro era tão intensamente feliz quanto era capaz de sê-lo, e como sempre pensou em sua família mais do que em si mesmo, estava certamente atualizando características inegoístas determinantes de uma qualidade permanente que se manifestaria em suas futuras vidas terrenas.

Outro caso típico foi o de um homem que ao morrer havia deixado em menor idade a sua única filha, e no mundo celeste a tinha sempre ao seu lado e se ocupava em traçar os mais formosos projetos a respeito do futuro dela.
Outro caso é o de uma jovem absorta na contemplação das perfeições de seu pai, procurando-lhe surpresas agradáveis e novos prazeres. Também observaram os investigadores uma mulher grega que passava ditosamente o tempo todo com seus filhos, um deles um galhardo jovenzinho que ela imaginava vencedor nos jogos olímpicos.
Surpreendente característica do sétimo subplano nas investigações realizadas, foi a de encontrar ali grande número de romanos, cartagineses e ingleses dos séculos passados, ao passo que havia poucos hinduístas e budistas. A razão é que os homens do primeiro grupo concentraram o sentimento inegoísta, amorosos nos afetos de família, que os deteve no sétimo subplano, enquanto que os hinduístas e budistas atualizaram mais intensamente seu sentimento devocional, que os levou a mais alto nível.
Houve, por certo, uma infinita variedade nos casos observados, e os diferentes graus de adiantamento se distinguem pela maior ou menor intensidade luminosa dos corpos mentais cujas cores indicavam as qualidades predominantes em cada entidade. Alguns eram amantes que tinham morrido na plenitude de seu afeto e haviam ocupado seu pensamento na pessoa amada com exclusão de toda outra. Havia os quase selvagens, como, por exemplo, um malaio, de evolução muito embrionária, na etapa tecnicamente chamada terceira classe inferior de pitris, que tinha uma ligeira experiência celeste resultante do amor professado a uma filha durante a vida terrena.
Em todos estes casos, o toque de amor inegoísta os fez merecedores de elevar sua consciência até o subplano inferior do mundo celeste, apesar de que em suas atividades na vida terrena nada mais havia capaz de manifestação além no dito subplano.
Na maioria dos casos observados as imagens das pessoas amadas distavam muito da fidelidade, de modo que os Egos por elas representados eram apenas capazes de manifestar-se por meio delas, embora sempre mais satisfatoriamente do que por meio do corpo físico. Na vida terrena vemos parcialmente nossos parentes e amigos, e só percebemos deles as qualidades que se afinam com as nossas, de maneira que para nós é como se não existissem as demais facetas de seu caráter.
Nossa convivência com eles e nosso conhecimento deles no mundo físico significam muito para nós e costumam ser o que há de mais caro em nossa vida; porém, tal convivência e conhecimento são em realidade sempre deficientes, porque mesmo no caso raro de crermos que conhecemos a fundo uma pessoa, só está manifesto durante aquela vida terrena um aspecto de seu verdadeiro ser, o aspecto que percebemos e conhecemos, sem que possamos penetrar no fundo do Ego. Portanto, se por meio da visão mental direta e perfeita nos fosse possível ver pela primeira vez em sua totalidade o nosso parente ou amigo, ao encontrá-lo no mundo celeste, provavelmente não o reconheceríamos, pois não nos pareceria o mesmo que conhecemos e contatamos na terra.
O intenso afeto que eleva o indivíduo até o subplano inferior do mundo celeste é uma força tão poderosa que alcança a pessoa amada e suscita nela uma resposta cuja intensidade vibratória depende do grau de evolução do Ego que responde; porém, seja qual for o seu grau de intensidade, há resposta.
Embora o Ego ou o verdadeiro ser do homem só se possa conhecer plenamente em seu próprio plano, que é o causal, constituído pelos três subplanos superiores do plano mental, sempre se está mais próximo do referido conhecimento em qualquer dos subplanos celestes do que no mundo físico; e

portanto, ali podemos conhecer muitíssimo melhor que aqui nossos parentes e amigos.
Ao considerar este ponto se tem de ter em conta o grau de evolução dos Egos relacionados. Se o que está no subplano inferior do mundo celeste tem suficiente espiritualidade e seu amor é muito intenso, poderá forjar uma imagem da pessoa amada, por meio da qual esta possa manifestar-se num grau considerável se está bastante adiantada em sua evolução.
Vemos, portanto, existirem duas razões para que a manifestação seja incompleta. A imagem do amado forjada pelo amante residente no subplano inferior do mundo celeste pode ser tão vaga e ineficaz que não lhe sirva de meio de manifestação ao amado por muito evoluído que esteja. Por outro lado, ainda que a imagem seja perfeita, pode o amado não ter bastante adiantamento para valer-se dela.
Mas em todos os casos o intenso afeto do amante influi no Ego do amado, que qualquer que seja seu grau de evolução se relacionará com sua imagem celeste, embora não seja capaz de manifestar-se plenamente por ela, pois o grau de manifestação do Ego do amado por meio da imagem forjada pelo amante depende da qualidade da imagem e da potência manifestativa do amado. Mas por débil que seja, a imagem alcançará sua influência no Ego do amado muito mais facilmente do que no seu corpo físico.
Se o amado ainda vive no plano terrestre, sua personalidade está inconsciente da manifestação celeste da individualidade, muito mais real que a personalidade, que é tudo quanto ordinariamente podemos ver.
Um ponto interessante sobre este particular é que se um indivíduo pode relacionar-se com a vida celeste de vários parentes e amigos simultaneamente, poderá também manifestar-se ao mesmo tempo nas várias imagens que deles se forjem.
Este ponto não oferece dificuldade para os que conhecem a mútua relação de uns planos com outros, e lhes será tão fácil manifestar-se simultaneamente em ambas as imagens como para nós é fácil perceber ao mesmo tempo a impressão de vários objetos em diferentes partes do corpo físico.
A relação de um plano com outro é análoga à de uma dimensão com outra. Nenhum número de unidades da dimensão inferior pode igualar a uma unidade da dimensão imediata superior, e da mesma maneira, por muitas que sejam as imagens, não esgotariam o poder de manifestação do Ego. Pelo contrário, a multiplicidade de manifestações dá ao Ego nova oportunidade de progresso no plano mental, como resultado direto recompensador, segundo a lei de justiça divina, das ações determinadas pelo amor inegoísta.
Disto se infere que segundo o homem progride, aumentam suas oportunidades que em todos os sentidos se lhe deparam. Seu adiantamento conquista o amor e reverência dos demais, e assim terá muitas imagens suas no mundo mental, e ao mesmo tempo se acrescentará sua capacidade de recepção e manifestação.
Exemplo disso nos oferece um caso observado por nossos investigadores. Era uma mãe que morreu há muitos anos deixando na terra dois filhos que ela adorava. Naturalmente, estes dois filhos, de 15 e 16 anos de idade, eram as primeiras figuras do seu céu, e ela pensava neles e imaginava como os deixou ao morrer. O amor que a mãe derramava incessantemente sobre as imagens influía beneficamente nos dois filhos que iam crescendo para a virilidade no plano físico; porém, não afetava aos dois por igual, não porque a mãe preferisse a um mais que ao outro, e sim pela grande diferença na vitalidade de ambas as imagens e que a mãe não podia distinguir, pois lhe pareciam perfeitas. Mas aos olhos dos investigadores uma imagem estava mais vitalizada do que a outra, porque, segundo se averiguou, um dos dois filhos havia se dedicado ao comércio, e embora não

fosse um mau homem, distava muito de ser espiritual, enquanto que o outro chegou a ser um homem de aspirações inegoístas e de refinada cultura, de maneira que tinha enaltecido sua consciência em grau muito superior à de seu irmão, e por conseguinte seu Ego era muito mais capaz de vitalizar a imagem de sua adolescência forjada pela mãe. A imagem tinha mais alma e por isso era mais vitalizada.

Unicamente por este meio é possível a comunicação entre os que ainda estão aprisionados no corpo físico e os que estão no subplano inferior do mundo celeste. Como já dissemos, um Ego pode manifestar-se gloriosamente por meio da imagem forjada dele no mundo celeste pelos que o amaram na terra, e contudo ser inconsciente de dita manifestação enquanto atua por meio do corpo físico, crendo-se incapaz de comunicar-se com os residentes no mundo celeste.

Mas se o Ego chegou a uma etapa de unificação de consciência e pode usar a plenitude de suas faculdades por meio do corpo físico, será capaz de comunicar-se frente a frente com seus parentes e amigos como quando estavam no mundo físico, pois a morte não afetou o amante, mas tão-só abriu seus olhos mentais à visão do mundo celeste que continuamente nos rodeia. Neste caso, o amante aparecerá com a mesma forma que teve na terra, porém um tanto estranhamente glorificada, porque tanto o corpo astral como o corpo mental reproduzem a configuração do corpo físico dentro do ovóide cujo contorno está determinado pelo corpo causal, de modo que a configuração física tem o aspecto de uma neblina densa rodeada de outra menos densa. Durante toda a vida passada nos quatro subplanos inferiores do mundo mental, mantém-se vivo o sentimento de personalidade, pois esta pertence ainda ao corpo mental inferior, até que, ao elevar o Ego a sua consciência ao plano causal e atuar ali conscientemente, se unificam e entrefundem a individualidade e a personalidade, de maneira que pela primeira vez o homem reconhece sua verdadeira essência como real e permanente Ego durante suas encarnações.

Alguns perguntam se no mundo mental se tem noção do tempo, se há sucessão de dias e noites, e de sono e vigília. A única coisa que há no mundo celeste em relação a este particular é o despertar da mente à inefável felicidade de que o Ego desfruta, e também a lenta queda no sono de uma ditosa inconsciência ao terminar a vida celeste, que no princípio se nos descreveu comparando-a a uma espécie de prolongamento ou série de todas as horas ditosas de uma pessoa na terra, porém com centuplicada felicidade.

Sem dúvida esta descrição é muito deficiente, como o são todas as que são feitas tomando por comparação as coisas do plano físico; porém mesmo assim se aproxima mais da verdade do que a sucessão de dias e noites. Certamente existe uma infinita variedade de modalidades de felicidade no mundo celeste, porém não entra em seu plano o sono alternado com a vigília.

Quando o Ego abandona definitivamente o corpo astral e fica com o corpo mental inferior como uma envoltura externa, sobrevêm um período de inconsciência superficial cuja duração varia entre limites muito extremos, analogamente ao que ocorre ao morrer o corpo físico. O despertar da consciência mental assemelha-se ao despertar pela manhã do sono profundo de uma noite. Da mesma forma que ao despertar pela manhã passamos por um período de preguiça deleitosa durante o qual a mente não está ativa nem o corpo rígido, assim também, quando ao despertar o Ego no mundo mental, passa por um período mais ou menos longo de intensa e gradualmente crescente felicidade até alcançar a plena atividade.

A primeira vez que o Ego experimenta este admirável sentimento de gozo, enche todo o corpo de sua consciência, e pouco a pouco se vê rodeado de

um mundo de imagens forjadas por sua mente com as características peculiares do subplano a que o levou o seu estado de consciência.

SEXTO SUBPLANO: O SEGUNDO CÉU

A característica dominante neste subplano é o sentimento de devoção antropomórfica, isto é, dirigida a uma divindade imaginada em forma humana. A distinção entre este sentimento e o que se manifesta no segundo subplano do mundo astral consiste em que este provém do desejo de obter algum benefício material em troca do ato devoto, enquanto que o outro é puramente inegoísta sem qualquer preocupação do resultado que venha a obter o indivíduo para sua devoção, de modo que no segundo subplano do mundo astral o sentimento religioso contém invariavelmente um elemento egoísta negativo, enquanto que a devoção que eleva o indivíduo até o sexto subplano do mundo mental está livre desta mancha.

De outro lado, esta modalidade de devoção que consiste essencialmente na adoração perpétua de um Deus pessoal, deve ser distinguida cuidadosamente daquelas outras modalidades superiores de devoção manifestadas em alguma obra, definidamente praticadas em honra da divindade. Alguns exemplos dos casos observados neste subplano mostrarão tal distinção mais claramente que as palavras descritas.

Grande número de entidades cuja atividade mental opera neste subplano, procede das religiões orientais e tem por característica uma devoção pura, embora relativamente rotineira
por falta de racional e inteligente compreensão. Neste subplano se encontram os adoradores de Vishnu e seus avataras, especialmente no de Krishna, e alguns adoradores de Shiva, cada qual envolto no casulo de seus próprios pensamentos, a sós com o seu deus, e esquecidos da humanidade exceto dos seres que eles amaram na terra. Viu-se um vaishnavita inteiramente absorto na extática adoração da imagem de Vishnu a quem tinha tributado suas oferendas durante a vida terrena.

As mulheres dão os mais característicos exemplos das condições do sexto subplano mental, e mulheres foram na terra a maioria de seus habitantes. Entre outras, havia uma hinduísta que tinha divinizado seu marido e imaginava seus filhos brincando com o menino Krishna; porém, enquanto os filhos eram para ela imagens de pessoas humanas, a imagem do menino Krishna era a vivificação da que, pintada na madeira, havia adorado durante a vida. Também aquela mulher imaginava Krishna em forma de um afeminado donzel tocando flauta, sem que de modo algum a conturbasse aquela dupla representação. Outra mulher, adoradora de Shiva, tinha confundido o deus com seu marido, a quem encarava como uma manifestação daquele, de modo que cada imagem estava constantemente se mudando na outra.

Existem também alguns budistas neste subplano, porém são os que, de escasso alcance religioso, consideram Buda mais como um ser adorável do que como um eminente instrutor.

A religião cristã contribui notadamente para povoar o sexto subplano. A supersticiosa devoção exemplificada pelo camponês católico ignorante de um lado, e de outro, o ardente soldado do Exército da Salvação, parece que dão resultados muito semelhantes aos descritos, pois se encontram entregues à contemplação em Cristo e sua mãe Maria. Por exemplo, viu-se um camponês irlandês arroubado em profunda adoração à Virgem Maria, que ele imaginava com a lua aos seus pés, como a representa Ticiano em seu quadro da Assunção, e que lhe estendia as mãos e lhe falava.

Um monge medieval foi visto em extática contemplação de Cristo crucificado, e a intensidade de seu anelante amor e compaixão era tal, que, ao olhar o sangue das feridas da figura de Cristo, os estigmas se lhe reproduziam no corpo mental.

Outro homem parecia ter esquecido a triste história da crucificação e só pensava em Cristo glorificado em seu trono, com o mar de vidro (1) ante ele e sobre o mar uma inumerável multidão entre a qual estava o adorador com sua mulher e filhos, aos quais amava profundamente, porém seus pensamentos se dirigiam à adoração de Cristo, embora tivesse dele um conceito tão material que o representava mudando caleidoscopicamente entre a figura humana e a do cordeiro com a bandeirinha que se costuma ver nas janelas das igrejas.

Caso interessantíssimo foi o de uma ehola que morrera aos vinte anos de idade. No mundo celeste, retrocedeu à época em que Cristo estava na terra, e se imaginava em companhia dele por todos os lugares de que falam os evangelhos, e que depois da crucificação tomou a Virgem Maria ao seu cuidado. Mas, as imagens das paisagens e costumes da Palestina eram anacrônicas, porque o Salvador e seus discípulos estavam vestidos de trajes de camponeses ehóis, as colinas circundantes de Jerusalém eram altas montanhas plantadas de vinhas e as oliveiras estavam cobertas de musgo. A mulher se imaginava martirizada por sua fé, e que subia ao céu para gozar daquela felicidade sem fim.

Terminaremos a enumeração de exemplos da vida celeste no sexto subplano, relatando o caso de um menino que morreu com a idade de sete anos e se ocupava em atualizar no mundo celeste as lendas religiosas que lhe ensinara sua pajem irlandesa. Antes de tudo, ele se imaginava brincando com o Menino Jesus, ajudando-o a fabricar os bonecos de barro que, segundo a lenda, tinham vida e punham-se a voar pelo poder do Cristo menino.

Ver-se-á que a cega e inculta devoção a que acabamos de nos referir, não eleva os devotos a grande altura espiritual; mas recordemo-nos de que em todos os casos são completamente felizes e estão de todo satisfeitos, pois recebem tanto quanto são capazes de receber. Contudo, o seu estado de consciência favorece o seu futuro, porque, se bem que este tipo de devoção, por intensa que seja, não vigorificará nunca o entendimento, suscita maior aptidão para uma modalidade superior de devoção e em muitos casos chega a purificar a conduta.

Portanto, quem passa a vida celeste no sexto subplano, embora não seja capaz de fazer progressos rápidos na senda do aperfeiçoamento espiritual, livra-se de muitos perigos, pois não é provável que em sua encarnação imediata cometa culpas grosseiras, ou desprendido de suas aspirações devotas, caia numa conduta mundana de avareza, ambição e libertinagem. De qualquer modo, o exame deste ressalta á necessidade de seguir o conselho de São Pedro: "Acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, conhecimento".

Posto que tão estranhos resultados derivem das modalidades grosseiras da fé, é muito interessante observarmos os efeitos do materialismo cru, tão comum na Europa há um século. A Senhora Blavatsky expôs na Chave da Teosofia que, em alguns casos, o indivíduo materialista não goza da vida celeste, porque durante a vida terrena não acreditou na sua existência. No entanto, parece que a Senhora Blavatsky emprega a palavra "materialista" num sentido mais restrito do que o que se lhe costuma dar, porque na mesma obra ela afirma que para o materialista não há vida possível depois da morte, enquanto que aqueles que se ocupam em percorrer o mundo astral durante a noite, encontram ali materialistas completamente conscientes. Por exemplo, um eminente materialista intimamente conhecido de um dos nossos investigadores, estava há algum tempo atrás no segundo subplano astral, rodeado de seus livros e prosseguindo seus estudos como o teria feito na terra. Ao ser interrogado por seu amigo, o investigador, respondeu que, com efeito, as teorias que defendera durante a vida terrena estavam refutadas pela lógica irresistível dos fatos, porém suas

tendências agnósticas ainda eram bastante firmes para não crer no que o seu amigo lhe dizia sobre a existência de um mundo superior, o plano mental. No entanto, havia certamente no caráter deste indivíduo muito do que só podia achar plena expressão do mundo mental, e desde que sua incredulidade da vida depois da morte não havia impedido suas experiências astrais, parece que não há razão para supor que impeça depois da morte astral a manifestação valiosa das suas qualidades no mundo mental. Embora ele tenha perdido muito por sua incredulidade, e sem dúvida que se fosse capaz de compreender a beleza do ideal religioso, teria atualizado nele uma potente energia devocional cujos efeitos colheria na ocasião. Tudo isto perdeu. Mas seu profundo e inegoísta afeto à família, seus ardentes e infatigáveis esforços filantrópicos eram também fluxos de energia que deviam produzir seus resultados e só podiam produzi-los no mundo mental. A ausência de uma modalidade de energia não pode impedir a ação das demais.

Outro caso mais recente observado foi o de um materialista que, ao despertar no mundo astral depois da morte, acreditou que ainda estava vivo na terra, porém sob a influência de um pesadelo. Afortunadamente para ele havia no grupo de investigadores capazes de atuar no mundo astral o filho de um antigo amigo do materialista, enviado de propósito para prestar-lhe auxílio. Logo pensou que o filho do amigo era uma ilusão forjada em sonhos; porém, ao receber uma mensagem do amigo referindo-lhe tudo quanto tinha ocorrido antes do nascimento do jovem mensageiro, convenceu-se da realidade do mundo em que se encontrava e mostrou vivíssimo anseio de obter todas as informações possíveis sobre a sua situação. As instruções que recebeu sem dúvida lhe proporcionaram um efeito positivo, modificando em sentido favorável não só sua próxima vida mental, mas também a futura existência terrena.

Não deve surpreender-nos o que nos mostram estes dois e muitos outros exemplos, porque é tudo quanto nos cabe esperar de nossas experiências no mundo físico, onde observamos constantemente que a natureza dispensa o conhecermos ou não as suas leis. Se, crente de que o fogo não queima, o homem puser sua mão na chama, convencer-se-á experimentalmente do seu erro. Da mesma forma, a incredulidade de um indivíduo em relação à vida futura não altera os fatos naturais, e ao morrer, reconhece o seu erro.

Portanto, a espécie de materialismo a que a Senhora Blavatsky alude na mencionada obra é seguramente muito mais grosseira e agressiva do que o agnosticismo comum, algo que incapacitaria quem o tivesse para atualizar as qualidades que só podem manifestar-se ativamente no plano mental.

1 - Alusão ao mar de vidro mencionado no Apocalipse 4:6. (N. da T.)

QUINTO SUBPLANO: O TERCEIRO

A característica principal deste subplano é a devoção manifestada em obras positivas. Por exemplo, o cristão neste subplano, em vez de se encontrar em extática adoração de seu Salvador, considera-se a si mesmo como se fosse pelo mundo trabalhar em seu favor, difundindo seus ensinamentos.

O quinto subplano é o da realização dos anseios, aspirações e projetos não realizados na terra, acerca de associações inspiradas pela devoção religiosa que tem usualmente por objeto um propósito filantrópico. Convém advertir que conforme vamos ascendendo no mundo mental, há maior complexidade e variedade, de sorte que, se bem que cabe assinalar a característica dominante neste subplano, observam-se muitas variedades e exceções que diferem da característica fundamental.

Um caso típico, embora algo superior ao termo médio, foi o de um indivíduo que estava traçando um grande plano para melhorar as condições de vida das classes inferiores da sociedade. Conquanto fosse homem profundamente religioso, compreendia que o primeiro passo ao tratar com o pobre, era o melhoramento de suas condições materiais; e o plano que no momento projetava em sua vida celeste com feliz êxito e especial atenção a todos os pormenores, já lhe havia preocupado a mente durante a última vida terrena, onde não pôde nem sequer tentar realizá-lo.

O plano consistia em que se contasse com enormes riquezas, ele adquiriria ou realizaria um tipo de negócio do qual só se ocupavam três ou quatro casas, e economizaria deste modo os gastos de propaganda e publicidade a que obriga a competição comercial e industrial, com o que poderia vender os produtos sem alteração de preços e aumentar o salário dos trabalhadores. Também formava parte de seu plano a aquisição de terrenos para edificar casas baratas com seu correspondente jardim para habitação dos operários que, ao fim de determinados anos de serviço, teriam direito de participar dos benefícios do negócio e ter assim um subsídio seguro em sua velhice.

Mediante a realização deste plano esperava o filantropo demonstrar ao mundo que o cristianismo tinha um aspecto eminentemente prático, e também esperava converter os operários incrédulos ou cépticos, movidos por um agradecimento ao benefício recebido.

Outro caso análogo foi o de um príncipe hindu cujo ideal na terra fora o heróico rei Rama, em cujo templo procurou modelar sua conduta e seus métodos de governo. Sem dúvida, durante seu reinado ocorreram acidentes adversos e fracassou a maior parte de seus planos; porém na vida celeste todos tiveram êxito, e todos os resultados possíveis corresponderam aos esforços bem intencionados, ao passo que Rama os auxiliava e recebia adoração de todos os devotos vassalos do príncipe.

Um curioso e comovedor exemplo de uma obra religiosa pessoal foi o de uma mulher que fora monja de uma ordem ativa e não da de clausura. Evidentemente ela amoldara sua conduta ao texto evangélico que diz: "Quanto fizestes ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes". E no quinto subplano continuava praticando ainda em toda a plenitude as exortações de seu Senhor, sempre ocupada em cuidar do enfermo, dar de comer ao faminto e vestir o nu, com a particularidade de que os seus misteres assumiam o aspecto do Cristo, a quem ela então adorava com fervente devoção.

Outro caso instrutivo foi o de duas irmãs que na vida terrena tinham sido intensamente religiosas; uma delas esteve inválida durante toda a sua vida, e a outra dedicou-se a cuidar dela. Ambas haviam tratado muitas vezes da obra religiosa e caritativa que teriam podido fazer se fossem

capazes. No quinto subplano cada uma delas é a figura principal no céu da outra, pois a inválida está boa e sã, e ambas se imaginam levando a cabo a grande obra que idealizaram na terra. Este foi um formosíssimo exemplo da tranqüila continuidade da vida no caso de pessoas com propósitos inegoístas, pois a única diferença que ocasionou a morte física foi a eliminação da invalidez e a facilidade da obra que até então havia sido impossível.

Também acha expressão no quinto subplano a sincera e devota atividade missionária. Por certo, o comum e ignorante fanático não chega a este nível; mas alguns casos excepcionais, como o de Livingstone, se acham no quinto subplano ocupados na tarefa de converter à sua religião multidão de pessoas.

Um dos casos mais interessantes deste tipo foi o de um maometano que se imaginava estar trabalhando zelosamente pela conversão do mundo cujos governos aceitavam os princípios fundamentais do Islam.

Parece que em certas condições também a aptidão artística acha sua manifestação neste subplano. No entanto, convém assinalar uma distinção. O artista cujo único anelo é a fama pessoal, o que habitualmente dá lugar a sentimentos de inveja profissional, não atualiza energias capazes de levá-lo ao mundo mental. Pelo contrário, os eminentes artistas que consideram sua arte como uma potentíssima força que se lhes confiou para o aperfeiçoamento espiritual de seus semelhantes, manifestar-se-ão em subplanos superiores ao quinto do plano mental. Mas entre ambos os extremos há artistas que cultivam a arte pela arte ou a consideram como uma oferenda à divindade, sem pensar no efeito que possa causar sua obra nas pessoas, e alguns destes artistas podem encontrar seu céu no quinto subplano.

Exemplo disso nos oferece o caso de um músico de temperamento muito religioso, que considerava toda a sua obra de amor e como uma oferenda ao Cristo, e nada sabia do grandioso concerto de sons e cores que suas inspiradas composições produziam na matéria do mundo mental. Mas seu entusiasmo não era estéril, porque sem se aperceber disso, ele infundia alegria e prestava auxílio a muitas almas, do que derivava o incremento de sua devoção e de sua aptidão musical no próximo nascimento, mas sem a intensa aspiração ao benefício da humanidade, essa classe de vida celeste poderia repetir-se quase indefinidamente.

Com efeito, se ponderarmos sobre os três subplanos de que temos tratado, veremos que em todos os casos se nota a devoção a uma personalidade, seja um parente, um amigo ou a um deus, bem mais que o sentimento de amor à humanidade, que encontra expressão no quarto subplano.

QUARTO SUBPLANO: O QUARTO CÉU

O subplano superior do mundo mental rúpico, no qual os pensamentos ganham forma, e tão variadas são as atividades que é difícil agrupá-las numa só característica. Por isso, melhor será ordená-las em quatro categorias principais:
1.a, inegoísta anelo de conhecimentos espirituais;
2.a, ciência e filosofia de alto vôo mental;
3.a, aptidão literária ou artística exercida com propósitos inegoístas;
4.a, serviço prestado por amor.
Compreender-se-á mais facilmente a exata definição de cada uma destas categorias quando dermos exemplos delas.
A população deste subplano provém em sua maior parte daquelas regiões que reconhecem a necessidade de obter conhecimentos espirituais. Recordemo-nos de que no sexto subplano encontramos muitos budistas cujo sentimento religioso se manifestava em forma de devoção à personalidade do fundador do Budismo. No quarto subplano, pelo contrário, encontramos os budistas mais inteligentes, cuja suprema aspiração era prostrar--se aos pés de Buda para aprender, e o consideravam mais como um instrutor do que como uma adorável divindade.
Na vida celeste eles satisfazem plenamente seu nobilíssimo anelo, pois se imaginam recebendo lições de Buda; a imagem que dele forjam não é uma forma vácua, senão que dela dimanam a maravilhosa sabedoria, poder e amor do mais insigne instrutor do mundo. Em conseqüência, adquirem novos conhecimentos e ampliam o seu horizonte mental, de sorte que os seus efeitos hão de ter assinaladíssimo caráter na próxima vida terrena. Quiçá então não se recordem dos fatos individuais que tenham aprendido, mas intuitivamente reconhecerão a sua verdade ao acudirem à sua mente, e o resultado dos ensinos recebidos será infundir no Ego uma vivíssima propensão para o amplo estudo filosófico dos mesmos temas.
Desde logo veremos quão definida e seguramente esta vida celeste apressa a evolução do Ego, e mais uma vez perceberemos a vantagem dos que aceitam como guia os genuínos e potentes instrutores.
Um tipo não tão completo de instrução se encontra nos casos em que algum tratadista verdadeiramente insigne e espiritual se torna para o estudante uma personalidade viva e assume o aspecto de um amigo formando parte da vida mental do estudante e é uma figura ideal em suas meditações. Tal instrutor pode intervir na vida celeste do discípulo e por sua própria virtude vivificar a imagem mental que foi forjada pelo discípulo, e em circunstâncias favoráveis esclarecer o sentido esotérico dos ensinos expostos em seus livros.
A maioria dos hinduístas que seguem a senda da sabedoria, encontra seu céu no quarto subplano, crentes de que seus instrutores possuíram o verdadeiro conhecimento. Também estão neste subplano alguns dos mais adiantados sufis e parsis, e ainda residem ali alguns gnósticos cujo desenvolvimento espiritual lhes deu o direito de uma longa vida nesse subplano. Porém é pequeno o número destes sufis e gnósticos, e nem mesmo o islamismo e o cristianismo dão aos seus fiéis condições de atuar no quarto subplano, embora alguns dos que nominalmente pertençam a qualquer destas religiões possam alcançá-lo se possuem as qualidades independentes dos ensinos peculiares de sua religião.
Encontramos também no quarto subplano ardentes e devotos estudantes de ocultismo, todavia ainda não bastante adiantados
para obter o direito de renunciar à vida celeste em benefício do mundo. Entre estes havia um monge budista conhecido de um dos nossos investigadores, e que tinha sido um entusiasta estudante de Teosofia e há

muito tempo acariciava a esperança de receber ensinamentos diretos de seu Mestre. Em sua vida celeste, era Buda a figura predominante e apareciam como lugar--tenentes os dois Mestres mais diretamente relacionados com a Sociedade Teosófica, os quais o ensinavam e lhe esclareciam os seus ensinamentos. As três imagens estavam cheias de poder e sabedoria das eminentes personalidades que representavam, e portanto, o monge recebia verdadeiros ensinos sobre ocultismo, cujo resultado será seguramente que na próxima vida terrena ele entre na Senda da Iniciação.

Outro exemplo denota os terríveis efeitos das infundadas e animosas insuspeitas, ou seja, de pensar mal do próximo sem fundamento. É o caso de uma devota e abnegada estudante que até o fim de sua vida caiu infelizmente numa atitude de injusta desconfiança a respeito dos motivos de sua antiga mestra e amiga a Senhora Blavatsky. Este sentimento cheio de animosidade e de suspeita teve o triste efeito de diminuir consideravelmente a influência vivificadora e os ensinos que teria podido receber na vida celeste. Isto não quer dizer que se realizasse a influência, e se lhe negassem os ensinos, e sim, que sua hostil atitude mental a incapacitava para recebê-los.

Sem dúvida, a estudante não percebia isso e lhe parecia estar em plena e perfeitíssima comunhão com os Mestres, porém os investigadores tinham a certeza de que, a não ser pela infeliz limitação que ela se impôs, teria colhido muito maior fruto de sua permanência no quarto subplano, pois junto a ela fluía um quase infinito caudal de amor, fortaleza e conhecimento, que sua ingratidão a impedia de aproveitar.

Compreende-se que como existem outros Mestres além dos que estão relacionados com a Sociedade Teosófica, e outras escolas de ocultismo que atuam na mesma direção que aquelas a que pertencemos, também se encontram freqüentemente no quarto subplano estudantes de todas elas.

Quanto à filosofia e à ciência de alto valor mental, encontramos neste subplano muitos dos nobres e inegoístas pensadores que só desejam intuição e conhecimento para transmiti-lo ao seu próximo. Porém não incluímos no número de estudantes de filosofia os que tanto no Oriente como no Ocidente malgastam seu tempo em argúcias e querelas, porque esta espécie de discussão tem sua raiz no egoísmo e na vaidade, e nunca poderia conduzir a mente a uma verdadeira compreensão dos fenômenos do universo, pois os resultados de tão insensata superficialidade não podem manifestar-se no mundo mental.

Exemplo de genuíno estudante nos oferece um dos últimos neoplatônicos cujo nome é conservado nos perpétuos anais daquele período. Durante toda sua vida terrena esforçou-se para dominar os ensinos da escola neoplatônica e na vida celeste se ocupava de escrutar seus mistérios e compreender a sua importância no desenvolvimento da vida humana.

Outro caso é o de um astrônomo que pouco a pouco foi-se desviando de suas crenças ortodoxas até cair no panteísmo, porém em sua vida celeste prosseguiu seus estudos astronômicos com reverente atitude mental e recebeu verdadeiro conhecimento ensinado pelos devas por cujo meio parece manifestar-se no quarto subplano o majestoso movimento cíclico das potentes influências estelares em sempre cambiantes resplendores de onipenetrante e vívida luz. Estava o astrônomo absorto na contemplação de um vasto panorama de voltejantes nebulosas com a gradual formação de sistemas planetários, e parecia como se captasse alguma tênue idéia da configuração do universo, que ele se imaginava como um enormíssimo animal. Seus pensamentos o rodeavam em forma de estrelas, e comprazia-se em escutar o majestoso ritmo da música coral sinfônica das esferas,

O terceiro tipo de atividade no quarto subplano é o nobilíssimo esforço artístico e literário, inspirado antes de tudo pelo desejo de elevar espiritualmente a humanidade. No quarto subplano estão Mozart, Beethoven,

Wagner, Bach e outros músicos inundando o ditoso lugar com harmonias muito mais gloriosas do que as mais esplêndidas que foram capazes de produzir durante a sua vida terrena. Parece como se uma copiosa corrente de divina música fluísse sobre eles das altas regiões, e eles as especializaram e a fizeram própria para difundi-la por todo subplano com um potente fluxo de melodias que acrescentam a felicidade ambiente. As entidades que atuam com plena consciência neste subplano, escutam e apreciam em todo seu valor tão acordes ressonâncias que também influem nas entidades recluídas em sua própria atmosfera mental.

O pintor e o escultor que cultivaram sua arte com ideais elevados e inegoístas, estão no quarto subplano constantemente traçando e projetando toda linhagem de lindas formas forjadas por sua mente para deleite e estímulo de seu próximo, pois não só alegram intensamente os que estão conscientes neste subplano, como em muitos casos podem captar as mentes dos artistas que ainda estão na terra e reproduzi-las para enaltecer a consciência das pessoas empenhadas nas lutas da vida física. Formosa e comovedora figura neste subplano é a de um jovem de um coro que morreu aos catorze anos. Seu ânimo estava, por assim dizer, empapado em música e em juvenil devoção à sua arte, intensamente colorida pelo pensamento de que era a expressão dos anelos religiosos da multidão congregada em uma espaçosa catedral; e contudo, ao mesmo tempo derramava sobre eles celestial alento e inspiração. Poucos conhecimentos havia adquirido em sua vida tão curta, mas o canto aprendido foi proveitosamente usado para servir de voz intermediária entre a terra e o céu, e o céu e a terra, com o perpétuo anelo de saber mais música e empregá-la dignamente em benefício da igreja.

Assim, na vida celeste seus desejos frutificaram, e via-se acompanhado da fantástica figura de uma Santa Cecília medieval que sua mente forjara tomando por modelo a que aparecia num dos vidros coloridos da igreja onde ele tinha sido corista. Mas embora a angulosa figura fosse uma tosca representação de uma duvidosa lenda eclesiástica, estava vitalizada fulgidamente por um dos potentes arcanjos da hierarquia celeste de cantores, que por meio da imagem ensinou ao menino corista cantos jamais ouvidos na terra.

Os investigadores observaram também no quarto subplano um dos fracassos terrenos, porque a tragédia da vida física costuma deixar às vezes estranhos sinais nos lugares celestes. Era um homem que na terra havia se esforçado por escrever um livro e não quis empregar suas aptidões literárias em misteres subalternos para ganhar a vida. Mas ninguém fez caso de sua obra e ele andou errante pelas ruas até que morreu de pena e miséria. Esteve só em toda a sua vida. Em sua juventude, sem amigos e desligado dos laços de família, e quando adulto, foi capaz unicamente de trabalhar em seu proveito próprio, repelindo as mãos daqueles que o teriam conduzido a uma visão das possibilidades da vida muito mais ampla do que o paraíso terreno que anelava para todos.

Em sua vida celeste ele pensava e escrevia em completa solidão, pois a ninguém tinha amado como pessoa ou ideal protetor que pudesse interferir em sua vida mental, viu estender-se ante si a Utopia que sonhara e pela qual tinha desejado viver, com as impessoais multidões que anelou servir, e nele recaiu o júbilo da multidão e fez de sua solidão um céu. Quando voltar à terra, seguramente ele será capaz de realizar tão bem como projetar, e sua celestial visão se plasmará parcialmente nas vidas terrenas mais ditosas.

Encontram-se no quarto subplano muitos que durante sua permanência na terra se dedicaram a auxiliar o próximo, porque sentiam os laços da fraternidade e prestavam serviço por amor sem o propósito de agradar a determinada divindade. Estão ocupados em desenvolver com pleno

conhecimento e tranqüila sabedoria vastos planos de beneficência, grandiosos projetos de melhoramento do mundo, e ao mesmo tempo amadurecem as faculdades com as quais nasceram na vida física.

A REALIDADE DA VIDA CELESTE

Os críticos que só conhecem pela metade os ensinos teosóficos sobre o homem argúem dizendo que a vida do indivíduo vulgar nos subplanos inferiores do mental é um sono ou uma ilusão, pois quando se imagina ditoso em meio a seus parentes e amigos, ou leva a cabo seus planos, tal plenitude de feliz êxito, é vítima de uma cruel alucinação, ao contrário da positiva objetividade do céu prometido pelas religiões confessionais.

Duplamente se pode redargüir a semelhante objeção. Em primeiro lugar, quando estudamos os problemas escatológicos, não nos concerne qual das hipóteses estabelecidas seria a mais deleitosa, porque isto, afinal de contas, é matéria opinável, senão que mais nos interessa qual das duas hipóteses é a verdadeira. Em segundo lugar, quanto mais investigamos os fatos referentes a este particular, vemos que os sustentadores da teoria ilusória consideram o assunto sob um mau ponto de vista e não compreendem bem os fatos.

Quanto ao primeiro ponto, a verdade do caso é de fácil percepção pelos que já atualizaram a faculdade de transportar-se conscientemente ao mundo mental durante a vida terrena (1), e quando investigamos assim, nossas investigações concordam perfeitamente com os informes que os Mestres da Sabedoria nos deram por meio de nossa instrutora a Senhora Blavatsky. Estes informes negam a hipótese da positiva negatividade e deixam a cargo dos ortodoxos a incumbência de demonstrá-la.

Quanto ao segundo ponto, afirma-se que o homem não chega a conhecer a verdade absoluta no mundo mental inferior, e portanto ainda subsiste ali o ilusório. Porém não é isto o que motiva os objetantes, mas, sim, que ao seu parecer a vida celeste tal como é e nós entendemos, resultaria ainda mais ilusória e estéril do que a física, a qual se opõe por completo à realidade dos fatos.

Diz-se que no mundo mental inferior o indivíduo forja o seu próprio ambiente e que por esta razão ele só percebe uma pequena parte do subplano onde se encontra. Pois também sucede o mesmo no mundo físico, no qual o indivíduo não o percebe em todo o seu conjunto, mas tão-só aquela parte que sua situação, cultura e faculdades lhe permitem perceber.

É evidente que o conceito tido pelas pessoas em geral durante a vida terrena de que tudo quanto as rodeia é incompleto, deficiente e inexato em muitos aspectos: em que sabem das forças etéreas, astral e mental atuantes em tudo que percebem e que é a parte mais importante do percebido? Que sabe dos recônditos fenômenos físicos que o rodeiam e o contatam a cada passo que dá? É verdade que tanto na terra como no mundo mental inferior o homem vive num mundo que em sua maior parte é de sua própria criação. Nem na terra, nem no céu inferior ele se dá conta disso, por causa de sua ignorância, de que não conhece nada melhor.

Diz-se que no mundo mental inferior toma o homem como realidades seus pensamentos ou imagens mentais? Pois assim é porque o mundo mental inferior é o mundo dos pensamentos, e ali só pensamento pode ter realidade. E já que no mundo mental inferior o homem reconhece a realidade do pensamento, enquanto que no mundo físico não reconhece essa realidade, em que plano é maior a ilusão? Os pensamentos do homem no mundo mental inferior são para ele realidades, capazes de produzir os mais surpreendentes resultados favoráveis nos viventes no mundo físico, pois no mundo mental só são possíveis os pensamentos amorosos.

Do dito se infere que a teoria que considera ilusória a vida celeste, deriva de um falso conceito desta vida e denota conhecimento incompleto de suas condições e possibilidades. O certo é que à medida que adiantamos na evolução, vamos nos aproximando da Única Realidade.

Ajudará o principiante a compreender quão positiva e inteiramente natural é a vida celeste de um indivíduo, ao considerá-la como resultado das vidas astral e física. Todos sabemos que durante a vida terrena não realizamos nossos altos ideais nem conseguimos nossas nobres aspirações, pelo que nos parece termos lamentavelmente perdido nosso tempo e trabalho. Sabemos, no entanto, que não é possível tal perda de tempo, porque a lei da conservação e transmutação da energia rege também nos planos suprafísicos. Grande parte da energia espiritual que o homem atualiza e libera, não pode reagir sobre ele durante a vida terrena, porque enquanto o Ego estiver sob o peso da carga da carne, não será capaz de responder às sutilíssimas vibrações dos planos superiores. Mas no mundo mental desaparecem todos estes obstáculos, e a energia acumulada reage inevitavelmente segundo requer a lei de justiça. Assim diz o poeta Browning: "Jamais se perde o bem. O que foi reviverá. Bom será o que foi bom, e em bem se transmutará o mal".

"Partidos estão na terra os arcos que íntegros em sua redondeza aparecerão no céu."

"Tudo quanto bom quisemos, esperamos ou sonhamos, terá realidade em si mesmo, não em semelhança. A beleza, o bem e o poder sobreviverão para o artista quando a eternidade afirmar o conceito de uma hora."

"O ânimo levantado, o heroísmo, a paixão com que abandonou a terra para chegar ao céu, são música que o amador e o bardo enviam a Deus, que a ouve instantaneamente e nós prontamente a ouviremos."

Outro ponto que se deve ter em vista é que o sistema pelo qual a natureza ordenou a vida ultrafísica é o único capaz de alcançar o seu objetivo de tornar feliz a cada ser em toda a sua aptidão para a felicidade. Se a felicidade celeste fosse de um só tipo, segundo a teoria ortodoxa, alguém haveria que dela se cansasse e alguém também incapaz de participar dela, ou por falta de gosto nesse sentido ou por carência da tremenda injustiça que suporia a eternidade de semelhante monotonia, por ditosa que fosse, conferida a todos por igual sem distinguir entre os seus merecimentos. Por outro lado, que outra ordenação poderia ser igualmente satisfatória com relação aos parentes e amigos? Se os que estão no mundo celeste fossem capazes de presenciar as flutuações de fortuna dos que deixaram na terra, ser-lhes-ia impossível a felicidade; e se ignorantes do que eles passam na terra, houvessem de esperar muitos anos em suspenso, quando voltassem a ver-se, quiçá se houvesse debilitado o parentesco ou amizade.

No sistema tão sabiamente ordenado pela natureza se evitam todas estas dificuldades e cada qual determina, segundo as causas que estabelece durante a sua vida terrena, a duração e o tipo de sua vida celeste, de modo que não pode ser mais feliz do que o mereça, e a sua felicidade se acomodará ao tipo de seu temperamento e idiossincrasia. Estarão continuamente com ele os seus amados parentes e amigos, sem que nunca apareça nem a mais leve sombra de discórdia nem de mudança entre eles, pois ele recebe deles exatamente o que deseja receber. Numa palavra, a ordenação divinamente estabelecida é infinitamente superior a qualquer outra que o homem pudesse imaginar em sua substituição, que afinal não passaria de especulações do que ao homem pareceria melhor. Mas a verdadeira idéia é a de Deus.

Tratemos agora da renúncia à vida celeste. Faz muito tempo é já opinião comum dos estudantes de ocultismo que entre as possibilidades de um progresso mais rápido abertas ao homem segundo se adiante, conta-se a de renunciar à vida celeste entre duas encarnações com o fim de voltar mais cedo para prosseguir a obra no plano físico. Não é que o homem renuncie à recompensa, porque a vida celeste não é tal, mas, sim, é o resultado da vida na terra, durante a qual o homem, por meio de elevados pensamentos e aspirações, atualiza certa quantidade de energia espiritual que reagirá

favoravelmente a ele quando chegar ao mundo mental. Se a energia atualizada for pouca, não tardará a extinguir-se e a vida celeste será curta; se, ao contrário, atualizou copioso caudal de energia, a vida celeste será longa, mas não se deve supor que seu progresso se detenha ou que ele perca ocasiões de ser útil.

Para todos, exceto para alguns indivíduos muito adiantados, a vida celeste é absolutamente necessária, porque só assim é possível que suas aspirações se convertam em faculdades, suas experiências em conhecimentos, e o progresso que o Ego realiza deste modo é muito maior do que seria possível se por milagre permanecesse encarnado durante este período. Se fosse de outra maneira, seria a negação das leis da natureza de que quanto mais próximo estivesse de conseguir seu magno objetivo, mais determinados e formidáveis seriam os seus esforços para invalidar-se, o que não se enquadra a leis que manifestam a mais alta sabedoria.

A renúncia à vida celeste não está ao alcance de todos. A lei não permite que o homem renuncie cegamente ao que desconhece, nem lhe consente desviar-se do trajeto regular de seu progresso enquanto tal desvio não resulte posteriormente em seu benefício. A regra geral é que a ninguém se consente renunciar à vida celeste até que sua consciência tenha evoluído de maneira que enquanto se achar no mundo físico seja capaz de transportar-se conscientemente ao mundo celeste e, ao volver a si de seu êxtase, a consciência vigílica recorde claramente a esplendente glória que é de natureza tão superior a tudo quanto seja concebível ao homem comum na terra.

Poder-se-ia objetar alegando que, uma vez que se trata do progresso do Ego, bastaria que este em seu próprio plano compreendesse a conveniência de renunciar à felicidade celeste, e obrigar então a personalidade a atuar de conformidade com tal decisão. Mas este procedimento não seria de estrita justiça, porque a felicidade celeste no mundo mental inferior corresponde ao Ego por meio de sua personalidade, e portanto é mister haver acordo entre o Ego e o corpo mental inferior a respeito da renúncia. Para isto seria preciso que já na vida terrena o homem tivesse a mesma consciência mental que terá quando passar para o mundo mental depois das vidas física e astral.

Contudo, a dilatação da consciência vai do inferior para o superior, e a grande maioria das pessoas só é efetivamente consciente no mundo físico, pois seus corpos astrais estão ainda incipientes e por se organizarem. São pontes de trânsito entre o Ego e o corpo físico; são os receptores de sensação, mas não são ainda instrumentos de que o Ego se possa valer para a sua manifestação consciente no mundo astral.

Nos indivíduos mais adiantados da humanidade o corpo astral tem maior desenvolvimento e o Ego pode em muitos casos concentrar nele a sua consciência, ensimesmado em seus próprios pensamentos sem atender ao que o rodeia. Alguns estudantes de ocultismo são plenamente conscientes no mundo astral e sua atuação traz valiosos benefícios à humanidade, embora tardem algum tempo em recordar no mundo físico suas atividades e experiências no mundo astral. Geralmente a recordação é nula na primeira etapa de sua atuação, e pouco a pouco vai tendo recordações parciais e intermitentes; e há casos em que, por várias razões, nada se recorda no mundo físico da permanência no mundo astral.

A atuação consciente do mundo mental inferior indicaria progresso maior do homem ainda encarnado e fazendo sua evolução normal, mas para isso será necessário que previamente ele tenha estabelecido uma firme conexão entre os corpos astral e físico. Porém nesta unilateral e artificiosa civilização moderna, nem todos evolucionam normalmente e há casos em que um considerável grau de consciência mental foi adquirido na vida astral e não se transfere para a vida física. Estes casos são muito raros, porém

certamente existem, e neles vemos desde logo a possibilidade de uma exceção à regra.
Uma entidade deste tipo poderia estar bastante evolucionada para gozar a indescritível felicidade celeste e adquirir o direito de renunciar a ela, embora só fosse capaz de transferir a recordação do gozo à vida astral e não à vida física. Como, porém, segundo nossa tese, a personalidade teria plena e perfeita consciência na vida astral, semelhante recordação bastaria para satisfazer os quesitos da justiça, embora nem a mais leve noção deste processo alcançasse a consciência física.
O essencial consiste em que, se a personalidade tem que renunciar à vida celeste, à personalidade incumbe experimentar esta vida para saber ao que ela renuncia, e a recordação da experiência tende a transferir ao plano em que normalmente atue com plena consciência, sem que tal plano tenha de ser necessariamente o físico, pois também podem satisfazer-se as mesmas condições no plano astral, embora este caso só seja possível aos discípulos de um Mestre de Sabedoria, que estejam em período probatório.
Portanto, quem deseje abnegadamente renunciar à vida celeste tem de se esforçar intensamente em ser um valioso instrumento nas mãos daqueles que ajudam o mundo dos homens. Devem dedicar-se fervorosamente ao trabalho pelo bem espiritual do próximo, sem jactar-se de merecer tão alta honra, e sim, com a humilde esperança de que depois de uma ou duas vidas de vigorosos esforços, seu Mestre lhe diga que chegou a hora de lhe permitir a renúncia da vida celeste.

1 - Sobre esta possibilidade nos dá provas concludentes o Apóstolo S. Paulo. (II Coríntios. II, 2, 3 e 4.) (N. da T.)

O MUNDO MENTAL SUPERIOR

Denomina-se também plano causal, céu superior, e está constituído pelos três subplanos superiores, ou seja, o terceiro, segundo e primeiro do mundo mental, ou seja, os céus, quinto, sexto e sétimo. O mundo mental arúpico, no qual os pensamentos não necessitam assumir forma, porque a mente abstrata, vibrante por meio do corpo mental superior ou corpo causal, é a tônica do plano em que o Ego tem sua própria e permanente morada durante o ciclo de suas reencarnações. O Ego tem neste plano uma visão clara de tudo o que vê, porque transcendeu as ilusões e o refrativo meio da personalidade. Poderá ser tênue, débil e limitada a sua visão, porém é verdadeira.

As condições da consciência no mundo causal são tão distintas das com as quais estamos familiarizados no mundo físico, que nenhum vocábulo da terminologia psicológica serve para descrevê-las. O plano causal é o reino do número em contraste com o fenômeno, das causas em contraste com os efeitos, das essências em oposição às formas, mas ainda é um mundo de manifestação, embora real, se se compara com as ilusões dos mundos inferiores, e também há nele formas, porém de matéria tenuíssima e de essência sutil.

Terminado o período a que chamamos vida celeste, o Ego tem que passar por outra fase de existência antes de renascer na terra, e embora para a maioria das pessoas seja muito curto este período, não devemos silenciar se queremos ter um conceito completo da vida superfísica do homem.

O hábito vicioso de não considerar mais que um aspecto parcial da vida do homem sem atentar em sua verdadeira natureza e finalidade, nos mantém em contínuo erro, pois geralmente se observa do ponto de vista do corpo físico e não do Ego, que em sua rítmica descida aos mundos inferiores e a conseqüente ascensão ao seu próprio mundo, traça uma extensa linha circular, uma circunferência da qual tomamos o arco inferior e o consideramos como uma linha reta a cujos extremos damos a indevida importância, enquanto que não percebemos os pontos de conversão do arco circunferencial.

Pensemos em como deve o Ego sentir-se quando consciente em seu próprio plano. Em obediência ao desejo e manifestação que lhe infundiu a lei da evolução ou Vontade do Logos, imita a ação do Logos, limitando-se nos mundos mental, astral e físico, de cujas matérias se reveste sucessivamente com incessante força progressiva. Na primeira parte do curto período de existência no plano físico, a que chamamos vida, é ainda intensa a força impelente, porém no meio da vida se debilita e segue, então, o movimento pelo arco exatamente análogo ao do afélio na órbita de um planeta. Este é o ponto real de conversão no ciclo evolutivo, que entre nós não está assinalado, porém que na antiga índia estava pelo termo grishastha, ou o período de chefe de família na existência terrena do homem.

Desde este ponto a energia do Ego se dirige para o interior, isto é, vai-se retraindo das coisas terrenas e focalizando-se nos planos suprafísicos aos quais tão pessimamente se adaptam as condições da vida européia. O momento em que o homem abandona o seu corpo físico não é de especial importância neste arco da evolução; é muito menos importante do que a morte no mundo astral e o nascimento no mental, embora em realidade seja sua emissão o transporte da consciência do corpo astral ao corpo mental no transcurso do constante retraimento a que nos temos referido.

O resultado final se conhece quando neste processo de retração a consciência volta a concentrar-se no Ego, sendo restituída à sua verdadeira morada, o mundo causal. Então se verifica que novas qualidades

adquiriu, ou melhor dizendo, atualizou aquele ciclo particular de sua evolução. Então o Ego também percebe um vislumbre do conjunto de sua vida, pois tem por um momento um lampejo de consciência clara, em que vê o resultado das três etapas física, astral e mental da vida que acaba de passar, e também o que dela resultará para a sua próxima e imediata encarnação.

Este vislumbre envolve apenas o conhecimento da índole da próxima encarnação, pois o Ego só tem dela um vago e geral sentimento que lhe descobre o objeto básico; porém o valor da lição consiste no conhecimento dos resultados cármicos de suas ações passadas, e oferece-lhe uma ocasião que aproveitará com maior ou menor vantagem segundo o grau de evolução em que se encontre.

No princípio aproveita muito pouco, pois não tem a consciência bastante apta para examinar os fatos e assinalar suas variadas relações; porém pouco a pouco vai aumentando sua aptidão para apreciar o que vê, até que consegue recordar os vislumbres obtidos no fim do anterior ciclo de vida e compará-los entre si, de modo que a comparação lhe dá a conhecer seu progresso na evolução.

TERCEIRO SUBPLANO: O QUINTO CÉU

É o subplano inferior do mundo mental superior, ou plano causal, e também é o mais povoado de todos os subplanos do genérico mundo mental, porque ali estão presentes os sessenta mil milhões de Egos comprometidos na atual evolução humana, exceto um número relativamente exíguo dos capazes de atuar no segundo e primeiro subplanos. Cada Ego está representado por uma forma ovóide, que ao princípio é apenas uma forma ovóide e incolor de tenuíssima consistência quase invisível, porém que, segundo progride, o Ego vai mostrando uma radiante iridescência semelhante à das bolhas de sabão, de modo que as cores brincam em sua superfície como mudam os matizes em uma catarata batida pelos raios do sol.

O ovóide ou corpo causal do Ego é constituído por uma matéria inconcebivelmente fina, delicada, sutilíssima, intensamente viva, com ígneas vibrações, até que quando o Ego se adianta notadamente em sua evolução, o ovóide se converte num fúlgido globo de flamejantes cores, com matizes em absoluto desconhecidos na terra, tão suaves, brilhantes e luminosos que a linguagem humana é incapaz de os descrever.

Se imaginarmos as cores de um pôr-do-sol do Egito, e acrescentarmos a esta luz a maravilhosa suavidade do sol inglês ao cair da tarde, e acrescentarmos esta luz e estas cores de modo a superarem como superam as da palheta, resultará que nem ainda com todo este esforço de imaginação seria possível a quem já o tenha visto, formar conceito da beleza destes radiantes globos que fulguram no campo da visão clarividente do mundo causal.

Os corpos causais estão cheios de um vívido fulgor dimanante de um plano superior, de modo que os globos parecem conectados por um tremulante fio de intensa luz que recorda a frase da estância de Dizian: "A chispa pende da chama pelo finíssimo fio de Fohat". Segundo o Ego adiante, aumenta sua capacidade de receber maior quantidade de energia divina que como por um canal flui pelo fio que amplia sua espessura para facilitar a passagem da corrente de modo que desde o segundo subplano toma o aspecto de um tubo de comunicação entre o céu e a terra, e num nível muito superior aparece um grande globo do qual emana um fluxo vivente no qual o corpo causal se entrefunde.

Nas estâncias de Dizian também encontramos o seguinte: "O fio entre o Vigilante e sua sombra é mais forte e radiante a cada mudança. A luz da alvorada se transmutou no esplendor meridiano. Esta é a tua presente roda disse a Chama à Chispa. Tu eras eu mesmo, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti e eras meu veículo no dia 'Sede conosco' quando tu fores eu e outros, tu e eu".

Os Egos encarnados em corpo físico se distinguem dos desencarnados pela diferente tônica vibratória da superfície dos globos, razão por que não há neste subplano dificuldade em reconhecer à primeira vista se um Ego está ou não em corpo físico. Tanto os encarnados como os desencarnados estão em sua imensa maioria semiconscientes, embora já poucos incolores, porém os plenamente conscientes brilham como estrelas de primeira grandeza entre a multidão de irradiação não tão viva, de maneira que a intensidade de vibração e cor denota o grau de evolução de cada Ego.

A maioria não está ainda suficientemente definida para compreender as leis da evolução a que se acha sujeita; anseia encarnar em obediência ao impulso da Vontade cósmica, e também pela cega sede de vida manifestada, o desejo de estar onde possa sentir e ter consciência da vida manifestada.

Nas primeiras etapas de sua evolução, os Egos não são capazes de perceber as rapidíssimas e penetrantes vibrações da sutilíssima matéria do mundo

causal, e só respondem às pesadas e lentas vibrações da grosseira matéria física. Assim é que somente no mundo físico se crêem vivos, e assim se explica o seu intenso desejo de renascer na terra. Durante algum tempo este desejo concorda exatamente com a lei da evolução, pois só podem evoluir por meio de contatos externos aos quais se vão habituando a responder, e que só lhes pode proporcionar a vida terrena. Pouco a pouco sua capacidade responsiva aumenta e percebem as vibrações da matéria física, etérica e depois as da matéria astral. O corpo astral que até então só tinha servido de ponte para transmitir sensações ao Ego, começa então a ser um veículo que o Ego pode utilizar, e a consciência se focaliza mais nas emoções do que nas sensações meramente físicas.

Pelo mesmo processo de acostumar-se a responder aos contatos externos, o Ego aprende a concentrar a consciência no corpo mental e a viver segundo as imagens que ele mesmo forja, bem como também aprende a dominar suas emoções por meio do pensamento. Por fim o Ego concentra a consciência no corpo causal e então reconhece sua verdadeira vida. Quando a reconhecer, achar-se-á no segundo ou no primeiro subplano e não sentirá o menor desejo de se reencarnar. Mas no momento estamos tratando da maioria dos Egos pouco evoluídos, que caminham às tontas, brandindo os tentáculos da personalidade no oceano de existência nos planos inferiores de vida, sem se aperceberem de que a personalidade é um instrumento de que têm de se servir para a sua evolução. Coisa alguma procede de seu passado ou de seu futuro, pois ainda não são conscientes em seu próprio plano.

Segundo o Ego vá passando por experiências e assimilando seus resultados, adquire o conhecimento de que umas ações são boas e outras más, e este conhecimento se manifesta imperfeitamente na personalidade como uma incipiente consciência do justo e do injusto. Pouco a pouco o sentimento de justiça vai-se afirmando, e mais claramente se formula na personalidade de modo que já serve um tanto de guia de conduta.

Por meio das oportunidades que deparam os lampejos da plena consciência a que temos aludido, os Egos mais avançados do terceiro subplano adiantam até o ponto de se ocuparem no estudo de seu passado, assinalando as causas que o estabeleceram e aprendendo muito desta retrospecção, de modo que os novos impulsos para a frente são mais claros e definidos, e transferem-se à personalidade como firme convencimento e imperativas intuições.

Não há necessidade de repetir que as imagens forjadas no mundo mental inferior não se transmitem ao superior, onde já não existe a ilusão e cada Ego reconhece sua divina estirpe e se vê e vê os demais Egos em sua verdadeira natureza, como um homem imortal que passa de vida em vida com todos os laços entretecidos com o seu verdadeiro ser.

SEGUNDO SUBPLANO: O SEXTO CÉU

Do subplano densamente povoado que acabamos de considerar, passamos a outro muito menos povoado, como se passássemos de uma cidade populosa a uma aldeia tranqüila, porque no atual estado da evolução humana, tão-só uma exígua minoria de indivíduos chegou a este alto nível, onde mesmo os menos evoluídos são definitivamente conscientes de si mesmos e de tudo o que os rodeia. O Ego neste subplano é capaz de rever com alguma extensão o seu passado e compreende o método e a finalidade da evolução. Percebe que está empenhado numa obra de aperfeiçoamento próprio e reconhece as etapas da vida física astral e mental pelas quais passa revestido de seus veículos inferiores.

Ele vê como parte de si mesmo a personalidade com a qual está ligado e esforça-se em guiá-la, valendo-se do conhecimento de seu passado como um acervo de experiências das que formulam princípios de conduta com claro e imutável conhecimento do bem e do mal, transmitido à mente inferior para vigiar e dirigir suas atividades. Embora durante a primeira parte de sua vida no segundo subplano fracasse repetidamente o empenho de dar a entender logicamente à mente inferior os princípios que lhe transmitem, acaba por fixar nela os incontrastáveis conceitos de verdade, justiça e honra.

Existem regras de conduta a que obrigam as sanções sociais e religiosas pelas quais o homem se guia em sua conduta diária, e que não obstante ele pode transgredir pela força da tentação ou por algum invencível desejo passional; porém há algo, como a mentira, a traição ou a desonra que o homem evoluído é incapaz de fazer, embora a lei humana não o proibisse nem sancionasse penalmente, porque são coisas contrárias à sua verdadeira natureza e no mais íntimo de seu ser estão forjados certos princípios que lhe é impossível conculcar, por mais violenta que seja a pressão das circunstâncias ou a intensidade da tentação, pois são princípios inerentes à vida do Ego. Contudo, ainda que consiga guiar seus veículos inferiores, não é ainda claro e preciso o conhecimento deles e de suas ações. Vê nebulosamente os planos inferiores cujos pormenores não compreende tão bem como os princípios, e parte de sua evolução no segundo subplano consiste em pôr-se mais e mais conscientemente em contato direto com a personalidade que tão deficientemente o representa nos mundos inferiores.

Do dito se infere que só se encontram no segundo subplano os Egos que anseiam o aperfeiçoamento espiritual e portanto são capazes de receber a influência dos planos superiores. Amplia-se o canal de comunicação pelo qual flui então mais energia. Sob esta influência o pensamento adquire uma qualidade singularmente clara e penetrante, mesmo nos Egos menos adiantados, e o efeito desta qualidade se mostra na mente inferior como uma tendência à filosofia e às idéias abstratas. Nos Egos mais evoluídos a visão do passado tem muito maior alcance; reconhece as causas estabelecidas, como atuaram e o que ainda falta para esgotar seus efeitos.

Os Egos residentes no segundo subplano têm amplas oportunidades de progresso quando estão livres dos veículos inferiores, porque podem receber ensinamentos de entidades muito adiantadas e colocam-se em contato direto com os seus Instrutores, não mais por meio de imagens mentais, e sim, pelos lampejos luminosos de descrição impossível, em que a essência das idéias voa como uma estrela de um a outro Ego, e suas correlações se manifestam como ondas luminosas dimanantes da estrela central sem necessidade de separada enunciação. No segundo subplano, um

pensamento pode ser comparado a uma lâmpada colocada num aposento, que clareia todos os objetos circundantes sem necessidade de descrevê-los.

PRIMEIRO SUBPLANO: O SÉTIMO CÉU

Este é o mais glorioso subplano do mundo mental, no qual moram poucas entidades pertencentes à nossa humanidade, que são os Mestres de Sabedoria e Compaixão e seus discípulos e iniciados. A beleza de forma, cor e som é inefável neste subplano, porque na linguagem humana não existem vocábulos em que possam achar expressão tão radiantes esplendores.

Nos planos inferiores foi lançada a semente que frutificou no primeiro subplano do mundo mental onde o Ego termina sua evolução mental, e as qualidades superiores refulgem através da natureza inferior. Caiu de seus olhos a venda da ilusão pessoal, e reconhecem que não é a personalidade, mas o instrumento que lhes serve de manifestação e expressão nos planos inferiores. Ainda a personalidade pode pôr obstáculos e estorvos aos Egos menos adiantados, porém já não cairão no erro de confundir a personalidade com o seu verdadeiro ser. De semelhante erro se salva por continuidade de consciência com a qual passa de vida em vida, de maneira que as vidas passadas estão sempre presentes em sua consciência, sem necessidade de olhá-las retrospectivamente, e todas elas constituem uma só vida.

Neste primeiro subplano o Ego também é consciente dos subplanos inferiores nos quais pode aproveitar plenamente as imagens mentais de seus parentes e amigos, enquanto que no terceiro subplano e na metade inferior do segundo, era ainda algo inconsciente dos subplanos inferiores, e instintiva e automática sua ação nas imagens mentais. Porém, ao chegar à metade superior do segundo subplano, sua visão esclareceu-se rapidamente e reconheceu feliz que as formas, pensamentos e imagens mentais lhes serviam de veículos para manifestar-se em certas condições muitíssimo melhor do que por meio da personalidade.

No primeiro subplano o Ego atua em seu corpo causal, envolto na, magnificente luz e esplendor do sétimo céu, e sua consciência pode focalizar-se instantaneamente em qualquer ponto dos subplanos inferiores e intensificar com energia suplementar a imagem mental da qual deseje valer-se com o propósito de dar ensinamento.

Deste primeiro e supremo subplano do mundo mental flui a maioria das influências dos Mestres de Compaixão e Sabedoria, quando trabalham em favor da evolução humana e atuam diretamente nos Egos dos homens, derramando sobre eles as inspiradoras energias que estimulam o progresso espiritual que ilumina a mente e purifica as emoções.

Deste primeiro subplano do mundo mental o gênio recebe a luz que o ilumina e ali encontra sua orientação todos os esforços de adiantamento espiritual.

Assim como os raios de sol se difundem por toda a parte, cada qual os aproveita segundo sua natureza, assim dos Irmãos Maiores da humanidade flui sobre todos os Egos a luz da vida que têm por missão difundir, e cada qual aproveita o que é capaz de assimilar para seu crescimento e evolução. Assim, como em todas as coisas, a mais excelsa glória do mundo se acha na glória do serviço, e os Egos que terminaram a evolução mental são as fontes de quem dimana a força auxiliadora dos que ainda estão na linha ascendente.

HABITANTES NÃO-HUMANOS

Ao tentar descrever os habitantes não-humanos do plano mental, deparamos com dificuldades insuperáveis, porque, ao chegar ao sétimo céu, nos pomos, pela primeira vez, em contato com um plano cósmico, e portanto com entidades que a linguagem humana é incapaz de descrever. Para nosso propósito neste estudo será melhor prescindirmos inteiramente da numerosa hoste de entidades cósmicas e nos restringirmos aos habitantes próprios do plano mental de nossa cadeia de mundos. O mesmo processo seguimos quando estudamos o plano astral, prescindindo dos visitantes de outros sistemas planetários, e se no mundo astral os visitantes desta índole eram muito esporádicos, no mundo mental são muito mais freqüentes, e por isso convém seguir neste caso a mesma regra. Consequentemente bastará dizer algo sobre a essência elemental do plano mental e dos setores do reino dévico relacionados com ele, e a extrema dificuldade de expor estas idéias relativamente simples demonstrará quão impossível seria tratar de outras que complicariam a questão.

Recordemos que numa das primeiras cartas recebidas de um Adepto, ele nos dizia que só um iniciado era capaz de compreender a condição dos primeiros e segundos reinos elementais, o que demonstra quão incompleto deve ser o nosso esforço para descrevê-la no plano físico. Antes de tudo convém ter uma idéia exata do que seja essência elemental, porque é um ponto em que domina muita confusão mesmo entre os que têm avançado notavelmente nos estudos teosóficos.

Essência elemental é o nome que se dá à essência monádica em algumas etapas de sua evolução, e por sua vez a essência monádica é o fluxo da divina energia que, dimanante do Segundo Aspecto do Logos, cai na matéria. Sabemos que antes que a essência monádica chegue à etapa de individualização, em que forma o corpo causal do homem, ela tem de passar por seis etapas que são: os três reinos elementais, o mineral, o vegetal e o animal, têm sido também chamados a mônada mineral, vegetal e animal, embora esta denominação seja incorreta, porque muito antes de chegar a estes três reinos, já a essência monádica se diversificou em múltiplas mônadas. Mas adotou-se o nome de mônada para expressar a idéia de que é muito anterior a diferenciação em mônadas não havia chegado ao extremo da individualização. Quando a essência monádica vitaliza os três reinos elementais que precedem ao mineral, é denominada essência elemental.

Mas antes de ser possível compreender a índole da essência monádica e como se manifesta nos distintos planos, é preciso conhecer o método que o espírito segue ao descer à matéria. Não tratamos agora da formação original da matéria dos planos, e sim da descida de uma nova onda de vida na matéria já existente.

Antes do período de evolução a que nos referimos, a onda de vida tinha evoluído durante inumeráveis idades de uma maneira quase não compreensível para nós, nos sucessivos agrupamentos de átomos, moléculas e células; porém prescindiremos da primeira parte deste estupendo processo evolutivo, e tão-só consideraremos a descida da onda de vida na matéria dos planos, que é mais compreensível para a mente humana embora ainda muito distante do plano físico.

Quando o espírito, ao descer, chega a um plano, não importa qual, vê-se impelido pela irresistível força da evolução ao passar ao plano imediatamente inferior, e para manifestar-se ali, tem de envolver-se ao menos na matéria atômica do plano, de maneira que, em cada plano, sua envoltura externa é da matéria atômica do plano onde se encontra, e além disso tem tantas envolturas interiores à externa como planos por onde foi descendo. Assim é que, ao chegar ao plano físico, o espírito está de tal

modo envolto na matéria de todos os planos do sistema, que não se lhe reconhece como espírito.
Por exemplo, suponhamos que um clarividente inexperto se proponha a investigar a mônada mineral, isto é, a examinar a força vital animadora do reino mineral. A visão deste clarividente se limitaria ao mundo astral, e a força vital lhe pareceria simplesmente astral. Porém um clarividente esperto observaria que o considerado como força astral pelo inexperto era matéria astral atômica posta em movimento por uma força dimanante do subplano atômico do plano mental.
Os estudantes mais adiantados poderiam ver que a matéria atômica mental é o veículo de uma energia dimanante do subplano atômico do plano búdico; e um Adepto veria que a matéria atômica búdica é o veículo da energia nirvânica, e que a energia operante em todos estes sucessivos véus é uma manifestação da energia divina dimanante do mais além do nosso pracrítico sistema solar.
A essência elemental do plano mental constitui os dois primeiros reinos elementais. Quando em um universo anterior a onda de vida chegou em sua involução ao plano búdico, continuou descendo até o sétimo céu e animou grandes massas de matéria atômica mental e foi assim a essência do primeiro reino elemental. Nesta sua condição mais simples é uma formidável força compressora dos átomos sem combiná-los em moléculas para formar corpos. A energia não estava habituada a vibrar na matéria atômica mental com a qual pela primeira vez se põe em contato, e durante o longo tempo em que ela permanece no plano mental sua evolução consiste em acostumar-se a vibrar em todos os tons ali possíveis, a fim de em qualquer momento ser capaz de animar e utilizar toda combinação de matéria do plano.
Neste longuíssimo período de sua evolução, a essência elemental animará todas as possíveis combinações de matéria elemental superior, e no fim do período voltará ao subplano atômico levando latentes todas as possibilidades adquiridas. Na longa fase seguinte, a essência elemental ou energia involucionante passa ao quarto subplano do mental e se envolve na matéria deste subplano. Então é a essência do segundo reino elemental em sua condição mais simples, e no transcurso de sua evolução acostuma-se a vibrar em todas as combinações possíveis de matéria do mundo mental inferior.
A essência do terceiro reino elemental é a da matéria astral. Parece lógico supor que os dois primeiros reinos elementais existentes no plano mental têm de estar muito mais adiantados em sua evolução do que o terceiro reino elemental pertencente ao mundo astral. Contudo, não é assim, porque na fase descendente da evolução, chamada involução, quanto mais elevado é o plano menos adiantada em sua evolução ou descida está a energia involucionante, e quanto mais baixo é o plano, mais adiantada está a sua evolução, isto é, mais desceu a energia evolucionante. Se o estudante não tem muito presente a distinção entre a involução e a evolução, entre a descida e a ascensão, deparará com dificuldades e embaraços para compreender o conceito geral da evolução.
Tudo quanto expusemos ao tratar da essência elemental do plano astral pode aplicar-se ao plano mental. Acrescentamos agora algo que explique como as sete subdivisões horizontais de cada reino se ordenam em relação aos sete subplanos do plano mental. A subdivisão superior do primeiro reino elemental se corresponde com o primeiro subplano mental. O segundo e terceiro subplanos mentais se subdividem cada um em três partes e cada parte é a morada de uma das seis restantes subdivisões do primeiro reino elemental. A superior subdivisão do segundo reino elemental se corresponde com o quarto subplano mental. Os subplanos mentais quinto, sexto e sétimo se subdividem cada um em duas partes, e cada parte

corresponde respectivamente a cada uma das restantes seis subdivisões do segundo reino elemental.
Recordemos que a matéria mental é muito mais sensitiva ao pensamento do que a astral. Nossos investigadores comprovaram sempre a maravilhosa delicadeza com que a matéria mental responde instantaneamente ao pensamento, e nesta resposta consiste a vida de dita matéria, cujo progresso é estimulado pelo uso que dela fazem as mais adiantadas entidades de cuja evolução ela compartilha.
Se pudéssemos imaginar a matéria mental livre da ação do pensamento, apareceria como um informe conglomerado de vibrantes átomos infinitesimais, com maravilhosa intensidade de vida, embora evoluam lentamente no caminho de sua descida à matéria. Mas, quando o pensamento a agita e põe em atividade e constrói com ela toda classe de formas estéticas nos subplanos rúpicos e provoca correntes chamejantes nos arúpicos, recebe um impulso que freqüentemente repetido ajuda-a a continuar o seu caminho, pois sempre que dos subplanos superiores provém um pensamento guiador das coisas do mundo físico, chega também a este mundo a essência do plano mental, e portanto, a que formou a primeira envoltura do espírito descendente, com o que pouco a pouco esta essência elemental se acostuma a responder às vibrações da matéria menos sutil e a favorecer a sua involução.
A essência elemental também é afetada pela música das esplêndidas caudais de harmonia que sobre o plano mental derramam os eminentes compositores que ali prosseguem continuamente a obra que começaram na pesada terra.
Temos também de ter em conta a vasta diferença entre a magnitude e poderio do pensamento no plano mental e a relativa debilidade dos esforços da mente ao que no mundo físico chamamos pensamentos, os quais se iniciam no mundo mental inferior e ao descer passam pelo astral, de cuja essência elemental se revestem. Mas quando o homem se adianta até o ponto de ser ativamente consciente no sétimo céu, seu pensamento se origina ali consciente e se reveste da essência elemental do mundo mental inferior, de modo que é infinitamente mais fino, penetrante e eficaz. Se o pensamento se dirige exclusivamente a objetivos muito altos, suas vibrações são demasiado rápidas para sintonizar com a matéria astral; porém quando afetam esta matéria, serão mais eficazes do que os pensamentos originados no plano mental.
Se levamos esta idéia a uma etapa mais além, veremos que o pensamento do iniciado se origina no plano búdico e reveste-se da essência elemental dos subplanos superiores do plano mental, enquanto que o pensamento do adepto provém do plano nirvânico com o inconcebível e formidável poder de um mundo inacessível à compreensão comum da humanidade. Assim, conforme se eleva nosso conceito, estendem-se ante nossa percepção interna dilatadíssimos campos em que podemos utilizar nossas faculdades enormemente acrescentadas, e nos convencemos de quão verdade é que a obra de um dia em tão altíssimas esferas excede em eficiência à obra de mil anos no mundo físico.
O Reino Animal. Está representado no plano mental por duas divisões principais. No mental inferior encontramos as almas grupais às quais está sujeita a imensa maioria dos animais, e no subplano inferior do mental superior vemos os corpos causais dos poucos animais individualizados, que em rigor já não são animais, pois nos oferecem o único exemplo que agora podemos ver do primitivo corpo causal em formação, debilmente colorido pelas primeiras vibrações das recém-atualizadas qualidades.
Depois de sua morte nos mundos físico e astral, o animal individualizado tem uma longa e sonolenta vida no sétimo subplano mental ou primeiro céu. Sua condição durante este tempo é análoga à do ser humano no mesmo nível, embora com muitíssimo menos atividade mental. Tem por ambiente suas

próprias formas de pensamento, embora quase não seja consciente delas e incluam as dos que foram seus companheiros e os amaram aqui na terra. Se o sentimento amoroso e inegoísta for capaz de forjar estas imagens, também o será de comover o Ego do amado e excitar nele uma resposta, pelo que o afeto, carinho e amor posto nos animais favoritos têm sua resposta em favor da evolução do Ego que os amou na terra.

Quando o individualizado animal se retrai em seu corpo causal à espera de que a roda da evolução lhe dê oportunidade de encarnar pela primeira vez em forma humana, parece como se perdesse toda noção das coisas externas e permanecesse em delicioso êxtase de paz e gozo. Ainda então, é possível que se adiante interiormente de algum modo de difícil compreensão para nós; porém ao menos sabemos que toda entidade, já comece a evolução humana, já esteja nela, goza no mundo celeste quanta felicidade seja capaz de gozar.

Os Devas. São também chamados anjos, os maravilhosos e exaltados seres de quem muito pouco podemos dizer em linguagem humana, e quase tudo o que deles conhecemos já foi exposto quando tratamos do mundo astral. No entanto, não será demais reiterarmos a exposição para maior fixação de conceitos.

O sistema superior de evolução especialmente relacionado com a nossa terra, que saibamos, é o dos seres chamados devas pelos hinduístas e que em outras religiões são chamados anjos. Pode-se considerar como um reino imediatamente superior ao humano, da mesma maneira que o reino humano é imediatamente superior ao animal, com a diferença de que o animal, para evoluir, tem de passar pelo reino humano, e o homem, quando chega ao adaptado, o nível asekha, encontra à sua frente sete linhas de evolução, uma das quais é o reino dévico.

Na bibliografia oriental se usa a palavra "deva" com o vago significado de uma entidade não pertencente ao reino humano, e por isso às vezes inclui por um lado as potestades espirituais, e por outro, os espíritos da natureza e elementais artificiais. No entanto, em nosso estudo contraímos o conceito de deva aos seres chamados anjos do Ocidente.

Embora relacionados com a terra, não estão circunscritos a ela, pois toda a presente cadeia de sete mundos é para os devas um só mundo, porque evoluem num grande sistema de sete cadeias.

Até agora suas hostes se têm nutrido na maioria de outras humanidades do sistema solar, algumas mais atrasadas e outras mais adiantadas do que a nossa, pois são muito poucos os indivíduos desta que alcançaram a etapa de evolução requerida para ingressar no reino dévico. Mas parece certo que algumas das numerosas categorias de devas não passaram em sua evolução por nenhuma humanidade comparável à nossa.

Atualmente não nos é possível saber grande coisa sobre os devas, embora sem dúvida a meta de sua evolução há de ser notadamente mais elevada do que a nossa. Isto é, assim como o objetivo da evolução humana é elevar o indivíduo ao nível de adepto no final da sétima ronda, o objetivo da evolução dévica é o de elevar os da primeira categoria a um grau muito maior no mesmo período. Também para eles, como para nós, há uma senda mais escarpada, à maneira de atalho, para chegar com o requerido esforço a sublimes alturas às que mal podemos conjeturar.

Classificação Dévica. De inferior a superior há três ordens de devas: os do mundo astral, os do mundo mental inferior e os do mundo mental superior, que na primitiva nomenclatura teosófica se denominaram respectivamente: Kâmadevas, Rüpadevas e Arüpadevas.

Assim como o corpo físico é o mais denso do homem, o corpo mais denso de um kâmadeva é o astral, e acha-se em posição análoga à que se encontrará a humanidade quando chega ao planeta F da cadeia. Embora comumente o kâmadeva atue no astral, pode transladar-se em corpo mental aos plano

superiores, como o homem se translada em corpo astral, e a utilização do corpo causal é para o kâmadeva tão fácil como para o homem do corpo mental inferior. Analogamente, o corpo comum do rûpadeva é o mental e o do arûpadeva o causal, pois o primeiro tem por morada habitual o mundo mental inferior, e o segundo o mundo mental superior ou causal.

Além dos arupadevas há outras quatro ordens de devas que moram nos quatro planos superiores de nosso sistema solar, e sobre estes devas estão os espíritos planetários cuja consideração não cabe aqui. Cada uma das grandes ordens de devas habitantes no plano mental se subdivide em muitas variedades, porém sua vida é tão diferente da nossa, que só se pode dar dela uma idéia geral. Não encontro melhor meio de indicar a impressão produzida na mente de nossos investigadores, que reproduzir as palavras de um deles enquanto efetuava a investigação. Disse:

"Senti o efeito de uma consciência intensamente exaltada, e contudo, tão estranha, tão distinta, tão completamente diferente de tudo quanto até então eu havia experimentado, tão dessemelhante de toda possível espécie de experiência humana, que é absolutamente inútil tentar expressá-lo com palavras".

Também é inútil o intuito de dar neste mundo físico uma idéia do aspecto destes potentes seres, pois varia segundo a tônica de seus pensamentos. Anteriormente já nos referimos à magnificência e admirável poder de expressão de sua linguagem cromática, e também se infere de algumas episódicas observações anotadas ao descrever os habitantes humanos do plano mental, que em certas condições é possível ao homem atuar nesse plano e aprender muito dos devas. Recordemos também o caso em que os devas relacionados com o governo de certas influências planetárias favoreceram a evolução de um astrônomo.

A relação dos devas com os espíritos da natureza tem alguma semelhança, embora em maior escala, com a que existe entre o reino humano e o reino animal, pois assim como o animal só pode chegar à individualização mediante o contato com o homem, assim também parece que um espírito da natureza só pode chegar normalmente à individualização em definida encarnação, por meio de sua aproximação e familiaridade com os devas.

Habitantes Artificiais. Poucas palavras são necessárias sobre este ramo de nosso tema. O plano mental está ainda mais povoado do que o astral pelos temporários elementais que formam os pensamentos de seus habitantes. E quando se considera a maior intensidade e eficácia dos pensamentos no plano mental, e que a energia mental está manejada não só por habitantes humanos encarnados e desencarnados, senão também pelos devas e pelos visitantes de planos superiores, compreendem-se então a importância e a influência dos elementais do plano mental.

Não é preciso repetir o que dissemos em relação aos resultados dos pensamentos dos homens e da necessidade de vigiá-los cuidadosamente. Já expusemos bastante sobre a diferença de atuação do pensamento nos subplanos rúpicos e arúpicos do plano mental para demonstrar como se põem em existência os elementais artificiais do plano mental, e dar alguma idéia da infinita variedade de temporárias entidades que ali são engendradas e da imensa importância da obra que se realiza por sua mediação, pois de tais entidades se aproveitam os adeptos e seus discípulos iniciados quando formam com seus pensamentos elementais artificiais de prolongadíssima persistência e de maior intensidade do que o mais intenso do mundo astral.

CONCLUSÃO

Ao recordar tudo quanto aqui fica exposto, a idéia predominante é a de um natural sentimento de humilhação ao considerar a completa deficiência de todo intento descritivo, da inutilidade de todo esforço para expressar em palavras humanas as ineváveis glórias do mundo celeste. Mas, por deploravelmente imperfeito que seja um ensaio como este, vale mais do que se não se houvesse escrito, e pode servir para inculcar na mente do leitor algum débil conceito do que o espera além da morte. E ainda que quando alcançar este brilhante reino de felicidade encontrará seguramente infinitamente mais do que esperava, não deixará de reconhecer como certas as informações que lhe foram dadas.

Tal como hoje em dia o homem está constituído, ele tem em si princípios pertencentes a dois planos superiores ao mental ou Manas porque Buddhi representa o plano buddhico, e Atma ou chispa divina representa o plano nirvânico, que é o terceiro do sistema solar começando pelo ádhico.

No homem comum estes dois princípios búdico e átmico são incipientes, e os planos a que pertencem são ainda impossíveis de descrever em palavras humanas como plano mental ou mundo celeste.

Basta dizer que no plano búdico cessa toda limitação, e a consciência do homem se dilata até que reconhece não só em teoria, mas também por absoluta experiência, que a consciência de seus semelhantes está incluída na sua própria, e sente e conhece e experimenta com absoluta e perfeita simpatia tudo quanto está em seus semelhantes, porque tudo é em realidade parte de si mesmo.

No plano nirvânico a consciência sobe de nível e o homem reconhece que a sua consciência e a de seus semelhantes são uma só consciência, porque todos são, em realidade, facetas da infinita consciência do Logos, em quem. todos vivem e se movem e têm o seu ser. De sorte que quando, como diz a metáfora oriental, "a gota se entrefunde com o mar", o efeito é antes como se ao contrário, o oceano se vertesse em gota, que pela primeira vez reconhecesse que ela é o oceano, e não uma parte, senão todo o oceano. Parece paradoxal e de todo incompreensível e até absurdo, mas é absolutamente verdade.

E ao menos devemos afirmar que o bem-aventurado estado nirvânico não é, como alguns o têm suposto ignorantemente, a total aniquilação do ser, senão uma intensíssima e beneficente atividade, pois à medida que ascendemos na escala da natureza são maiores as nossas possibilidades, nossa obra pelos demais é de maior alcance e que a infinita sabedoria e o infinito poder significam capacidade para o serviço, porque os impele ao infinito amor.

FIM

http://livroespirita.4shared.com